

Carlos Reis
COORDENAÇÃO

Cesário Verde

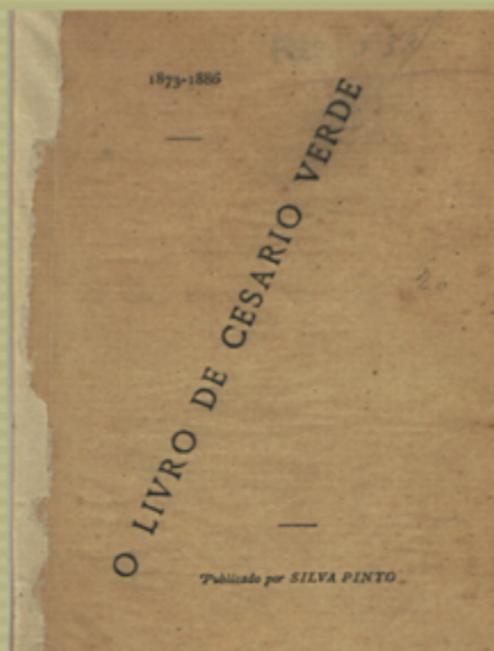
CÂNTICOS DO REALISMO

O LIVRO DE CESÁRIO VERDE

Helena Carvalhão Buescu

INTRODUÇÃO
NOTA BIBLIOGRÁFICA

*E eu, que medito um livro que exacerbe,
Quisera que o real e a análise mo dessem:
Casas de confeções e modas resplandecem;
Pelas vitrines olha um ratoneiro imberbe.*



Fac-símile da capa da 1.ª edição de *O Livro de Cesário Verde*, publicada postumamente por Silva Pinto, amigo do autor. Lisboa: Typographia Elzevieriana, 1887.

BNP RES-538-P

BIBLIOTECA FUNDAMENTAL
DA LITERATURA PORTUGUESA

CÂNTICOS DO REALISMO

O LIVRO DE CESÁRIO VERDE

Carlos Reis
COORDENAÇÃO

Cesário Verde

CÂNTICOS DO REALISMO

O LIVRO DE CESÁRIO VERDE

Helena Carvalhão Buescu

INTRODUÇÃO
NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

**Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor**
© 2015, Imprensa Nacional-Casa da Moeda

**As obras da BFLP observam
o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990**

Apoio à coordenação
Valéria Cavalheiro

Publicado em março de 2015

Tiragem

1000 exemplares

Depósito legal

387 541/15

ISBN

978-972-27-2360-2

Edição n.º

1020434

Nota prévia

Carlos Reis

A publicação da poesia de Cesário Verde nesta «Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa» põe de novo à disposição do público um *corpus* poético de grande relevância na nossa história literária. E, contudo, afirmar isto é ainda dizer muito pouco, como o leitor poderá verificar pela leitura do denso ensaio de Helena Carvalhão Buescu que serve de introdução a este volume.

Entre outras pistas de reflexão que ali se encontram, entendo ser de realçar a seguinte: a moderna literatura portuguesa e em particular aquela que o modernismo português enunciou devem muito a esta poesia fundadora. Não por acaso, dois dos grandes heterónimos pessoanos referiram-se a Cesário Verde em termos que bem evidenciam a complexidade e a diversidade temática próprias deste grande poeta: Álvaro de Campos referiu-se-lhe exclamativamente como «mestre», num excerto de ode («ó Cesário Verde, ó Mestre,/Ó do 'Sentimento de um Ocidental!'); Alberto Caeiro consagrou-lhe um dos poemas d'*O Guardador de Rebanhos* («Ao entardecer, debruçado pela janela,/E sabendo de soslaio que há campos em frente,/Leio até me arderem os olhos/*O Livro de Cesário Verde*.»). Mas não só. Bernardo Soares, num dos fragmentos do *Livro do Desassossego*, sentiu-se a

viver no tempo de Cesário e tendo em si «não outros versos como os dele, mas a substância igual à dos versos que foram dele»; e Fernando Pessoa ele mesmo, no ensaio «A nova poesia portuguesa no seu aspeto psicológico», aludiu ao novo modo de escrever poesia plástica que era, a par de Victor Hugo, o do autor d'«O Sentimento dum Ocidental».

Tudo considerado por junto — e mais testemunhos haveria a citar —, Cesário Verde foi claramente um escritor à frente do seu tempo. Também por isso, não foi ele propriamente bem acolhido nos grupos e nas tertúlias literárias que estiveram ativas durante os curtos anos da sua vida de poeta, do mesmo modo que a crítica coeva (incluindo-se nesta Ramalho Ortigão) não lhe fez a justiça que só depois da morte, aliás prematura, haveria de chegar.

O facto de a poesia de Cesário Verde ter ficado dispersa por publicações várias ou simplesmente inédita contribuiu para uma certa marginalização de que foi objeto, coisa de que, aliás, o poeta amargamente se queixou. E mesmo a publicação d'*O Livro de Cesário Verde*, pela sua feição quase artesanal e pela sua circulação restrita (200 exemplares distribuídos a amigos e a admiradores), não chegou a compensar, nesse ano de 1887 em que ocorreu, o relativo desconhecimento que só mais tarde foi superado. Ao mesmo tempo, a precariedade daquela edição póstuma acabou por remeter, de forma por assim dizer acidental mas simbólica, o grande poeta português para o lote dos escritores ou quase-escritores (Flaubert, Mallarmé, Carlos Fradique Mendes, Bernardo Soares, o próprio Pessoa) que problematizaram o livro, conceberam o livro, projetaram o livro ou esboçaram o livro como objeto a reinventar sob o signo de um *ethos* escritural a muitos títulos já modernista.

Conforme a introdução que se segue bem o mostra, Cesário Verde viveu num tempo propício a este tipo de postulações. E contudo, esse tempo foi ainda o de um realismo (e também o do naturalismo) que teve no romance o seu género literário preferencial e na representação de costumes sociais o seu grande

projeto ideológico. Por isso mesmo, é inevitável recolocarmos Cesário em relação ao realismo e aos seus protocolos discursivos dominantes. Ao falar num «pretenso (e real) ‘realismo’ cesárico [...] como ‘materialidade do mundo’, ancorado na sua perceção da variedade sociossimbólica que as populações urbanas atestam», Helena Carvalhão Buescu contribui para uma tal recolocação; e esse movimento é indissociável de uma hipótese de título, *Cânticos do Realismo* (que foi o adotado na edição de Teresa Sobral Cunha), mencionado pelo poeta e alternativo ao que a edição de 1887 deu a conhecer. Na presente edição acolhe-se aquele título, acrescentando-se-lhe, contudo, em subtítulo (porque é isso que a tradição editorial acumulada aconselha), a designação até agora vigente de *O Livro de Cesário Verde*.

Conforme é usual nesta «Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa», o texto introdutório que esta edição inclui é completado por uma pormenorizada nota biobibliográfica. Ambos os textos constituem, deste modo, auxiliares preciosos para uma releitura devidamente enquadrada deste que é um dos grandes poetas da língua portuguesa. Agradeço, por fim, a Teresa Sobral Cunha a autorização concedida para utilização, neste volume da poesia de Cesário Verde, dos textos que editou em *Cânticos do Realismo e Outros Poemas. 32 Cartas* (Lisboa: Relógio d'Água, 2006).

Introdução¹

Helena Carvalhão Buescu

Cesário: modos de inventar o mundo

A poesia de Cesário Verde faz-nos entrar num mundo em que *coisas se acumulam* dentro da cidade, numa pilha heteróclita cuja heterogeneidade faz, aliás, parte da própria experiência urbana enquanto tal. O tecido da cidade não se constrói pela sobreposição do homogéneo ao diferenciado mas, pelo contrário, pela integração de estratos e fenómenos profundamente heterogéneos entre si. É a esta consciência, essencial para o entendimento de si própria que a modernidade pode construir, que Cesário vai responder na sua poesia, através de um movimento que repousa em grande parte sobre os gestos retóricos pelos quais podemos falar dessa acumulação de coisas fundamentalmente diferenciadas: a enumeração (quase a transformar-se naquela enumeração caótica em que Leo Spitzer via, precisamente, uma expressão da modernidade), a gradação, a

1 Uma versão preliminar deste texto foi publicada em Helena Carvalhão Buescu, *Cesário Verde. Visões de Artista*, Porto, Campo das Letras, 2007.

A opção pela ortografia estabelecida pelo Acordo Ortográfico (AO) de 1990 nesta edição decorre de determinações legais a que a INCM está obrigada. Na minha qualidade de coordenador desta coleção, solicitei à Prof.ª Helena Carvalhão Buescu que, nos textos que neste volume são de sua autoria, aceitasse a utilização da ortografia em causa. Tal aceitação, que agradeço, não revoga a discordância de princípio da Prof.ª Helena Carvalhão Buescu em relação ao AO. *Carlos Reis*.

metáfora, a metonímia, a alegoria. Através destes e outros tropos, a poética cesária endereça a acumulação de coisas dentro da cidade como experiência central para o entendimento de si mesmo que o sujeito pode ter, bem como para a leitura que pode fazer quer dos outros com que se cruza quer do mundo a que pertence, mesmo quando duvida sobre as condições e os limites de tal pertença.

Essa acumulação faz coincidir a ação de deambular por dentro da cidade com a tentativa de *fixação* poética desse fluxo com que associamos a modernidade ela mesma. Por entre *flânerie*, movimento, representação urbana e «cristalização» (conceito que tomo naturalmente de Cesário mas entendo como caracterizador do paradoxo moderno²), seguirei aqui alguns dos momentos em que a poesia cesária se ocupa das coisas que se acumulam, na sua própria materialidade, bem como dos modos por que ela ergue uma cidade estratificada, entre outros elementos, pelo tempo diferenciador. A minha hipótese é a de que as coisas concretas de que a poesia de Cesário Verde se ocupa em dar testemunho (no sentido forte do termo, dando voz àquilo que de outra forma permaneceria silente ou, quando muito, como forma de balbuciamiento), coisas essas que dão pele, forma e corpo aos objetos com que o poeta se cruza, podem ser lidas como outros tantos modos de tematizar o possível encontro de uma memória cultural que, de forma já incipientemente esboroada, como veremos, se inscreve na cidade e nas múltiplas refrações de coisas que ela permite e até mesmo potencia. As implicações deste argumento integram, assim, a formulação de uma *hipótese comunitária* dentro da poética cesária, visto que é essa hipótese que sustenta o conceito de memória cultural, tal como ele tem vindo a ser pensado. O que proponho, pois, é que em Cesário Verde podemos detetar um sujeito cuja experiência pessoal se encontra indelevelmente marcada no tecido do discurso, mas

2 Ver a este respeito Helena Carvalhão Buescu, *Cristalizações. Fronteiras da Modernidade*, Lisboa, Relógio d'Água, 2005.

cujos alcances simultaneamente suprapessoal permite reconhecer enquanto *experiência alegórica* ao modo baudelairiano, colocando-a como modo de figurar a modernidade e as formas pelas quais esta pensa os seus passados, os seus presentes e os seus futuros. Assim, quando Cesário acumula as referências a essas coisas diferenciadas encontra-se a ler o discurso de uma memória cultural e as condições, como veremos já frágeis, da sua possibilidade.

Aleida Assmann³, ao refletir sobre o que considera os diferentes modos de produção da memória cultural como memória de uma comunidade, distingue entre três formas essenciais que historicamente ela pode revestir: a dos *textos*, que assegura, até ao fim do Antigo Regime, a produção de uma memória cultural fundamentalmente assente na percepção de uma continuidade evolutiva dos seus monumentos; a dos *traços*, que o século XIX (o exemplo de que Assmann se socorre é Carlyle) eleva a via preferencial, e que trabalha a partir do *esboramento* dessa produção até aí fundamentalmente contínua e permanente; e a forma do *lixo*, que é a seu ver o nosso modo e que me dispense de descrever, assinalando apenas que repousa sobre a produção de objetos supérfluos e descartáveis, cujo valor assenta sobretudo na facilidade com que se deixam substituir por outros igualmente supérfluos e descartáveis (este modo é conhecido de todos nós, quer nos seus sentidos literais quer nos seus sentidos metafóricos). Cesário Verde é em meu entender claríssimo caso do segundo modo: as coisas que se acumulam na sua poesia atestam uma poética (e uma experiência simultaneamente existencial e poética) já vestigial, atenta precisamente aos *traços* que ficaram e aos *traços* que poderão ficar, capaz de se constituir já não a partir do que permanece imutável através da manutenção dos textos e dos monumentos, mas a partir dos traços e vestígios palimpsésticos que deles se podem ainda conservar.

3 Aleida Assmann, «Texts, Traces, and Trash: The Changing Media of Cultural Memory», in *Representations*, 56, 1996, pp. 123-34.

Os traços das coisas são por um lado o que corresponde à noção de *ruína*, tal como Walter Benjamin a concebe, enquanto forma estruturante do tecido da cidade moderna, e por isso da memória cultural moderna. São por outro lado o modo de acumular coisas mais compatível com a estratégia deambulatoria do *flâneur* que, ao impedir a fixação das imagens na retina, como mais tarde Camilo Pessanha saberia dizer, arrasta consigo o inevitável esboroar da sua fixidez e da sua estância. O modo como as coisas existem é agora preferencialmente o da *sucessão*, não o da continuidade e da permanência: a cidade moderna, como lugar para o qual convergem estes movimentos perturbadores da vivência do tempo, cristalizará na correlação entre memória e esquecimento, traço e perda a dimensão paradoxal que a habita e que o poeta-*flâneur* melhor do que ninguém saberá por um lado compreender e, por outro, esteticamente transformar — como adiante analisarei com mais detenção. É justamente este o processo a que a poesia de Cesário Verde se dirige e responde, colocando um poeta dentro de uma cidade estratificada, entre outras coisas, pelo tempo e pelos movimentos diferenciadores que estruturam a percepção moderna do mundo.

Tudo isto traz também inevitáveis consequências para a forma como o sujeito habita esse mundo que lhe é proposto: é que a cidade é, sobretudo, um modo de existir e de habitar um espaço, construindo nele uma identidade pessoal e social que parte daquilo que a memória cultural legou para lhe acrescentar outros modos, sempre diferentes. É esta dimensão multiplamente aberta aos diversos passados e futuros do presente (ou do *agora*, cujas implicações não são exatamente coincidentes com as do presente) que Benjamin deteta na Paris baudelaireana, e que o faz reconhecer no *flâneur* de Baudelaire a figura em que emblematicamente se cristaliza uma deambulação acima de tudo entendida como ato de *inscrição estética*. Na realidade, aquilo que Baudelaire acrescentara à tradicional figura do *flâneur*, e que a afetará de forma decisiva, é a cristalização estética,

tornada indissolúvel da sua apreensão da cidade e da múltipla estratificação temporal e cultural que ela manifesta. É este o *flâneur* que podemos reencontrar em Cesário Verde: o percurso e o encontro da cidade, dos traços que nela podem ler-se, dos diversos modos de habitação (e desabitação) que nela podem encontrar-se são, para Cesário, sobretudo o momento em que o gesto estético subitamente tem lugar e se inscreve: a «vista de poeta» que, no poema «A Débil», transforma a cristalina figura feminina, parada ao pé de «uma chusma de padres de batina,/ E de altos funcionários da nação», em «uma pombinha tímida e quieta/Num bando ameaçador de corvos pretos»; ou a «visão de artista» que, em «Num Bairro Moderno», «subitamente» transforma «os simples vegetais» «num ser humano que se mova e exista/Cheio de belas proporções carnaís»; como ainda as «cristalizações» que, no poema do mesmo nome, permitem afirmar que «os charcos brilham tanto que eu diria/Ter ante mim lagoas de brilhantes!»; ou a inscrição e a transformação estética que, em «O Sentimento dum Ocidental», permitem ao poeta passar do cais por onde erra, e «a que se atacam botes», à evocação das «crónicas navais:/Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!», e a um Camões épico que, estrofes abaixo, parece ter perdido o nome numa cidade subitamente «exígua» e «vulgar»; ou ainda, no mesmo poema, a inscrição visionária a que a percepção dos carros de aluguer dá lugar, ao abrir o poema à gradação crescente, sublinhada pelo assíndeto e pela enumeração de teor metonímico, do verso de fôlego integrador «Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!»; ou ainda a antevisão do que seriam as nossas pouco metafóricas catedrais de consumo novecentistas, no gesto que leva das «lojas, tépidas» ao «Eu penso/Ver círios laterais, ver filas de capelas,/Com santos e fiéis, andores, ramos, velas,/Em uma catedral de um comprimento imenso».

Assim, o gesto transformador (a que Óscar Lopes⁴ chamou a «transfiguração metafórica») que preside à inscrição estética e,

4 Óscar Lopes, «Cesário Verde, ou do Romantismo ao Modernismo», in *Entre Fialho e Nemésio*, 2.º vol., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, pp. 461-73.

por isso, ao movimento visionário que sustenta a poética cesárica repousa sobre a capacidade de reconhecer no mundo uma *multiplicidade* de coisas que, no seu mesmo acumular, permitem e até potenciam a sua transformação, como emblematicamente na «giga» dos vegetais, onde é o facto de se acotovelarem e sobreporem diversíssimos vegetais diferenciados (melancias, repolhos, azeitonas, nabos, cachos de uvas, frutos, hortaliças, melão, legumes, ginja, cenouras, alface e hortelã) que afinal sustenta a possibilidade do *outro* mundo que sobre este, material e concreto, se vem constituir. Jacinto do Prado Coelho⁵ já tinha sugerido a importância central deste processo na poesia de Cesário Verde, ao apontar o modo como ele surge como mecanismo de cruzamento entre o espaço e o tempo e, por isso, as transfigurações que dele decorrem. O visionarismo cesárico não só não prescinde da materialidade dos objetos do mundo como, pelo contrário, dela parte e a ela se refere no próprio ato de encontrar materialidades alternativas que se trata de *acrescentar* às primeiras, não as substituindo⁶. É por isso que as coisas mesmas são essenciais a este gesto da poética de Cesário: porque da sua acumulação nasce, também, aquele que é o olhar poético *par excellence*.

A própria mulher cidadina e aristocrática bem como o desejo masculino que em torno dela se desenvolve são as mais das vezes discursivizados a partir de um processo metonímico que se constitui através da *associação* e da *acumulação* de coisas que os caracterizam. A este respeito, veja-se por exemplo o poema «Eslândida», um dos numerosos casos em que tal se verifica. A exclamação sintética com que o poema abre («Ei-la! Como vai bela!») marca sobretudo uma clave tonal que o desenrolar do texto vai desdobrar através de uma longa lista de atributos de teor metonímico: o «azul celeste/Do seu *landau* forrado de cetim»; «os seus negros corcéis, que a espuma veste»; o tom da

5 Jacinto do Prado Coelho, «Cesário Verde, poeta do espaço e da memória», in *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa, Bertrand, 1976, pp. 195-8.

6 Cf. Helena Carvalho Buescu, «Diferença da cidade, diferença do campo: Cesário Verde e António Nobre», in *Chiaroscuro. Modernidade e Literatura*, Porto, Campo das Letras, 2002, pp. 216-26.

sua pele, claro «como os *pós à marechala*»; «as mãos, que o *Jock Club* embalsamou,/Entre peles de tigres»; «a carruagem», subindo «a trote a rua do Alecrim»; «os lacaios, [que] vão firmes na almofada»; as suas «capas de borracha esbranquiçada»; os seus «chapéus de roseta», as suas «librés». Por um lado, tudo isto cria, em torno da mulher, a atmosfera que faz dela «ducalmente esplêndida», e que atrai inevitavelmente um sujeito que, por contraste, a si mesmo se percebe como «corcovado,/No *trottoir*, como um doido, em convulsões,/Febil, de colarinho amarrotado». Mas, por outro lado, a figura feminina em si mesma é como que *submersa* pela quantidade de coisas e de indícios de que se rodeia, o que aliás não é dissociável da sua aura de mistério e obscurecimento, simultaneamente polo de atração e de distância. Por outro lado ainda, estas coisas que rodeiam e caracterizam o surgimento dos objetos atestam a sua carga enquanto objetos culturais, e por isso enquanto *sinais* de uma percepção do mundo que, sendo moderna, *desconfia* do despojamento e da nudez dos objetos e encontra pelo contrário no gesto de acumulação o movimento sobre o qual faz repousar a apropriação do sentido. É precisamente por esta razão que podemos dizer que a memória cultural de que a poesia de Cesário, como a de Baudelaire, se faz eco é aquela que alude aos traços vestigiais do que, rodeando os objetos, por isso mesmo os vem a caracterizar e surge como o precário garante do seu sentido. A figuração feminina de «Esplêndida» não pode prescindir dos seus atributos para poder ser, simultaneamente, *o caso concreto* daquela mulher que esplendidamente sobe a Rua do Alecrim e *o caso abstrato* (e por isso *alegórico*) de uma evidência cultural e até política que repousa sobre o funcionamento dos objetos enquanto traços portadores do sentido.

Um outro exemplo desta estratégia de contaminação e acumulação, desta feita por intensidade, é o poema «Cabelos»⁷,

7 Para a análise deste motivo na poesia de Cesário Verde, veja-se Paula Morão, «O esplendor da cabeleira – Baudelaire, Cesário Verde, Gomes Leal», in *Retratos com Sombra - António Nobre e Os Seus Contemporâneos*, Porto, Caixotim, 2004, pp. 201-13.

em que a alegorização dos cabelos femininos através do mar, lugar de naufrágio e de perdição, acompanha o desenvolvimento das 10 quadras que constituem o poema, desdobrando-se em elementos mais concretos e particulares, como os «remos» e os «cachopos», para dar depois lugar, em insensíveis mas progressivas transformações, ao «milionário avaro», ao «louco sonhador», à metáfora musical contida nos «melódicos harpejos», às sensações táteis associadas ao «abandono» e à «morna prostração», ou aos «mantos de veludo esplêndido e sombrio», a que o frio do sujeito se aquecerá, e até mesmo à inesperada figuração de «um óleo para ungir o corpo ao gladiador», «nos circos dos romanos».

Tais acumulações, que aparentam construir-se sobre formas de desconexão semântica fundamentalmente inesperadas, transportam para a poética de Cesário Verde uma estratégia de quebra de fronteiras entre o que pareceria ser mundos semanticamente diferenciados, senão mesmo incompatíveis: o que vemos nela acontecer, então, é a súbita ocorrência de uma transformação, que é também transfiguração, de *coisas* em *outras coisas*, sem que as primeiras sejam apagadas ou sequer obscurecidas. Há mais mundos no mundo que o poeta atravessa, e a transcendência habita, assim, a intimidade mesma da matéria que constitui o objeto.

Mas esta simultaneidade do transcendente no imanente torna-se possível, enquanto experiência da modernidade, no momento em que *o movimento* passa a ser entendido como o agente pelo qual essa experiência necessariamente se configura. Por outras palavras, é o movimento que habita o sujeito, e que ele perfaz através dos percursos deambulatórios que o caracterizam, que permite o encontro dos objetos e o seu transporte para dentro do tecido do texto que, transformando-os, os dotará de alguns dos sinais necessários para que possam ser reconhecidos como fazendo parte integrante da memória cultural. Cesário participa assim daquilo a que Deroche-Gurcel⁸ chama a «epi-

8 Lilyane Deroche-Gurcel, *Simmel et la Modernité*, Paris, PUF, 1997, p. 264.

fania do movimento», sobre que Georg Simmel faz repousar uma das formas inaugurais da modernidade. Em Cesário Verde, devemos tomar esta expressão no seu sentido mais forte: é o movimento, deambulatório ou fantasmático, em que o sujeito se encontra embrenhado, que torna possível qualquer tipo de encontro e qualquer tipo de epifania, do «ramalhete rubro de papoulas» à imagem que apenas atravessa o campo de visão do sujeito para indelevelmente a impressionar: «E sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes,/Amareladamente, os cães parecem lobos.» («O Sentimento dum Ocidental»).

Assim, é ao movimento que o poeta-*flâneur* deve o encontro, não apenas das coisas do mundo, mas dos textos que frequentemente as acompanham, pregões, exclamações, chamamentos, murmúrios, frases soltas. Estes textos, já também eles esboroados e fragmentados, poderemos lê-los como instâncias ainda daquelas inscrições que a tradição lírica, sobretudo romântica, se habituara a encontrar na natureza, em cruzamento também ele palimpséstico entre mundo e texto.

Se em Camilo Pessanha, um pouco mais tarde, a tónica do epítáfio conhecerá imediata manifestação, relacionando-se com os «traços delidos» sob que se manifesta aquilo que foi uma vida, já em Cesário Verde me parece podermos encontrar idêntica percepção: trata-se de um mundo em que as coisas materializam também a sua componente textual pela associação ao fenómeno da *inscrição* (a *inscription* que está na origem de numerosos poemas), pelo qual o poeta se presentifica a si mesmo, enquanto poeta, face aos objetos que percebe e sobre os quais escreve, todos partilhando uma dimensão histórica e material que os *inscreve* enquanto corpos dialogantes: no poema «Nevroses», o diálogo é entre um «eu» que, «sentado à secretária», enfrenta a imagem da morte que «ali defronte mora», na figura da «infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes»; no poema «A Débil», o encontro dá-se entre o poeta, «sentado à mesa dum café devasso», e bebendo «cálices de absinto», e a insuspeitamente forte figura da «débil» e do que a rodeia, desde

o vestido à «chusma» de gente; ou ainda, no poema «Desastre», o confronto pungente ocorrerá entre o poeta visionário e o operário que, numa maca, e depois de ter caído, «pesada e secamente, em cima duns tapumes», deixa por fim de gemer para «findar honradamente» — mas pouco honradamente ser dado à sepultura. É a mútua inscrição de quem vê e daquilo que é visto que permite a cada um destes momentos transformar-se numa iluminação visionária de uma cena em que cada um dos episódios é simultaneamente concreto e alegórico, ao modo de Baudelaire. É que se pertence ao poeta-*flâneur* a capacidade de olhar, ver e transformar, é às coisas do mundo elas mesmas que o seu olhar se dirige e é sobre elas que ele se cristaliza, reafirmando-as como *a* matéria de que os sonhos são, na verdade, feitos.

Mas há uma outra dimensão do fenómeno da inscrição que me interessa ainda aqui reter: a que a relaciona, mesmo se alusivamente, com a consciência da mortalidade, que atravessa a forma como inscrição (e em particular epitáfio) e objeto se intersetam. Ao reconhecer nas coisas a sua possibilidade de evocação, e por isso a sua capacidade de funcionarem como inscrição visionária, Cesário Verde regista nelas a forma como ao mesmo tempo se apontam à morte e a superam — no preciso momento em que atestam formas de a contornar, permanecendo, transformadas, no tecido do mundo. Não poderíamos encontrar melhor exemplo do que o implicado pelo épico de «O Sentimento dum Ocidental», ele que é simultaneamente memória (*a* memória cultural por excelência), monumento (a estátua que o indica) e texto (por antonomásia). De um outro ponto de vista, não menos comovente, parece-me poder situar-se nesta mesma linha também a súbita irrupção do «meu velho professor nas aulas de Latim», *escultura viva* de um passado que rompe no percurso deambulatório do poeta pela cidade, para testemunhar quer sobre as ruínas que os corpos humanos também vêm a representar quer, apesar de tudo, sobre o seu poder de inscrição alusiva: a frase que o velho professor enun-

cia, ao mendigar («Dó da miséria!... Compaixão de mim!...»), é o seu próprio epitáfio, o que faz de Cesário o passante que, na sua deambulação, encontra e lê essa inscrição e sobre ela medita, bem como sobre o que ela lhe diz a propósito da materialidade das coisas, a mortalidade delas e a viabilidade de a poesia as transformar em coisa dita, memória, traço que o futuro integrará. Se é o movimento que permite acumular, é a acumulação que leva a transformar, e é a transformação que sustenta a memória cultural com que sujeito e comunidade mutuamente se inscrevem no agora e nos diversos passados e futuros a que a poesia sabe que pode endereçar-se. Não é por acaso que Helder Macedo⁹, justamente a propósito deste passo do poema, acrescenta o seguinte:

A caracterização do mendigo como «eterno, sem repouso» vem acentuar no poema o elemento simbólico já subliminarmente sugerido na descrição do ambiente: o percurso do poeta pelas ruas nocturnas da cidade é também uma viagem simbólica por entre um mundo de fantasmas onde, como Dante, no Inferno, encontra o seu «velho professor». [P. 189.]

Os objetos do mundo que o poeta-*flâneur* percebe e manifesta na sua poesia permitem então que nesta reconheçamos o quanto ela é devedora do ato de *inscrição*, tanto no seu sentido literário (que foi o que nos conduziu na parte final desta reflexão) quanto no seu sentido antropológico (que se encontra associado à linha de pensamento situável em torno da memória cultural). Trata-se, em ambos os casos, de inscrever sinais como memória, marcos miliares que permitam sinalizar o caminho feito, tornando-o reconhecível ou, pelo menos, mapeando alguns dos seus vestígios para que as ligações entre passado e presente possam ser operadas por traços, contra o esquecimento, contra a perda — mas também contra o lixo, supérfluo e descartável.

9 Helder Macedo, *Nós. Uma Leitura de Cesário Verde*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986.

O gesto de associação entre *flânerie* e produção poética passa então pelo cuidadoso movimento pelo qual se reconhecem objetos que deixam traços no discurso, sulcos que podem ser seguidos, mesmo se contingentemente, até ao presente, nas suas mesmas pistas frágeis.

As coisas acumuladas na poesia de Cesário funcionam precisamente como esses sulcos, matéria depositada no corpo do poema para que a memória cultural que ele atesta possa apesar de tudo sobreviver ao modo moderno em que reconhecemos o sabor da impermanência. A poética cesária dá a ver, através da acumulação de coisas heterogêneas, a sinalização de diferentes camadas de tempo e de mundo, sobrepostas umas às outras, e que por vezes se confundem, interpenetrando-se. Os objetos fazem parte desse mundo e cartografam nele as marcas do que foi ou poderá vir a ser, do que de outro modo ainda (ou já) é: esse prolongamento do quotidiano e do sem-história tem de ser reconhecido, e isso acontece pela infralinguagem que os objetos podem murmurar e que o poeta-*flâneur*, pela sua dimensão ao mesmo tempo materialmente deambulatória e esteticamente transformadora, se encontra em posição de, ele próprio, verter em articulação.

Os objetos não são então apenas uma forma de inscrever a memória e de dar testemunho físico da presença humana e da experiência do vivido. É que as coisas estendem-se até ao futuro, móvel, e deixam o rasto do presente nesses dias que virão: por exemplo os nossos. Talvez possamos relacionar esta atenção à materialidade concreta do mundo com a constante simultaneidade da atividade literária e profissional de Cesário. Óscar Lopes¹⁰, um dos mais agudos conhecedores de Cesário, parece reconhecer nesta contemporaneidade entre os dois tipos de atividade algum valor hermenêutico, sobretudo na aquisição

10 Óscar Lopes, «Cesário Verde, ou do Romantismo ao Modernismo», in *Entre Fialho e Nemésio*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, pp. 461-73. Ver a este respeito também a argumentação de Rosa Maria Martelo, na leitura que faz do poema de Cesário Verde «O Sentimento dum Ocidental», Porto, Ed. Campo das Letras, 2005, pp. 37-67.

de um *ethos* antissentimental que, a seu ver, é um dos passos decisivos na aproximação de Cesário Verde à modernidade. É isso que o faz retirar Cesário do contexto finissecular (a que cronologicamente pertence) e transportá-lo até à modernidade, de que seria, pois, o intérprete inaugural. A aceitação de um certo carácter anacrónico da poesia cesária, o seu desajuste relativamente às práticas predominantes dos seus contemporâneos (embora possamos aceitar outros arautos, Gomes Leal, João de Deus) e, por isso mesmo, a profundidade histórica de tal anacronia fazem reconhecer em Cesário Verde um primeiro momento daquele intenso movimento histórico-cultural a que viemos a dar o nome de Modernismo. E é sem dúvida essa uma das razões pelas quais a sua poesia foi, se não desconhecida em vida, pelo menos alvo de uma atenção pouco sistemática e mesmo de uma manifesta incompreensão.

Diga-se também que tais criatividade e inovação repousam, em Cesário como em todo o grande poeta (ou artista), numa fascinante capacidade de apropriação de tradições anteriores que, na sua mesma inconformidade e até aparente contradição, ele transporta até à sua poesia para as reescrever, incorporando-as inegavelmente na modernidade. Camões e o poema *Os Lusíadas* são talvez o exemplo mais tenso de tal apropriação e reescrita, no lugar cimeiro de «O Sentimento dum Ocidental». Mas elas passam ainda pelo fecundo diálogo mantido por exemplo com a poesia bucólica¹¹, pela recordação de lugares reconhecíveis da poesia clássica (Virgílio), pela incorporação de uma dimensão satírica em que a herança de por exemplo Nicolau Tolentino é evidente ou ainda pelo diálogo mantido com a tradição da poesia burguesa que o século XVIII entre nós sistematizara. Várias outras linhagens poéticas poderiam mencionar-se, e relativamente a todas a poesia de Cesário se dirige, não como forma reverencial de se lhes referir, mas antes como transporte modificador dos passados que se veem surgir, fulgurantemente,

11 Ver a este respeito os vários trabalhos de Helder Macedo publicados em *Trinta Leituras*, Lisboa, Ed. Presença, 2006.

no tecido do presente. O seu trabalho formal sobre a herança do decassílabo e do alexandrino dentro da literatura portuguesa deve precisamente situar-se nesta linha, recorte de um passado sobre o qual se inscreve, palimpsesticamente, aquilo que se entende como futuro.

É este transporte que decisivamente faz de Cesário Verde um verdadeiro moderno, no sentido em que Baudelaire o compreendera, esse Baudelaire cuja sombra fundadora se recorta no percurso poético cesárico e nas implicações de toda a sua poesia, extravasando claramente da única referência explícita que, em 1875 ainda, Cesário lhe faz («Humorismos de Amor»). Podemos delinear a prolongada conversação entre Cesário e Baudelaire através de diferentes caminhos¹²: a oscilação entre redução sentimental e exacerbamento nevrótico é claramente uma delas, visível no arranque e na própria substância de poemas como «Nevroses», «Humorismos de Amor» ou na série de sonetos «Lágrimas», «Proh Pudor!», «Manias» e «Heroísmos». Com efeito, se já a partir de 1850 boa parte da poesia portuguesa se encontra polarizada por uma nítida ansiedade quanto à miséria social, e por figuras que atestam a invasão da lírica por antes inesperadas populações, o facto é que essa polarização é feita de acordo com uma tradição tonal que privilegia o *pathos* como resposta literária (e estética) a tal invasão. Compreendendo o alcance do legado baudelaireano também a este respeito, Cesário opta por uma distância que, pela oscilação, matiza a introdução de tais figuras e da sua carga melodramática pelo pendor reducionista que apenas as atinge na medida em que também não deixa imune o próprio poeta-observador («Desastre», «Nevroses»).

Um outro caminho em que a figura tutelar de Baudelaire modela claramente a prática poética de Cesário é a repre-

12 Ver, entre outros, Helena Carvalhão Buescu, «Cesário Verde e o Romantismo», in *Dicionário do Romantismo Literário Português*, Lisboa, Ed. Caminho, 1998, pp. 569-571; Fernando Cabral Martins, *Cesário Verde ou a Transformação do Mundo*, Lisboa, Ed. Comunicação, 1988; Jacinto do Prado Coelho, «Cesário Verde e Baudelaire», in *Problemática da História Literária*, Lisboa, Ática, 1961, pp. 187-192.

sentação da mulher, como a «dama fatal» que em poemas como «Esplêndida», «Deslumbramentos» ou «Humilhações» surge, atravessando a cidade e deixando um rasto de incompreensão naqueles que assistem ao seu passar, «ducalmente esplêndida» — mas que percorre de forma mais transversal a poesia de Cesário, aflorando noutros poemas como figura distante e intocável: a fria mulher do Norte que parece subitamente ter ocupado a cidade do Sul que Lisboa é («Merina», «Vaidosa»). Essa figura de mulher, aristocrática e distante, é fonte de uma humilhação simbólica para todos os que, como o poeta, com ela se cruzam e são conscientes do seu carácter de «dama fatal», a «gélida mulher» que também protagoniza «Humorismos de Amor». Entretanto, essa aristocrática baudelaireana vai em Cesário encontrar improváveis parceiras mesmo em figuras aparentemente dela distantes, como a «débil» que, no poema do mesmo nome, praticamente afirma a sua força, ou as varinas, vendedoras ambulantes e peixeiras que em «Cristalizações», «O Sentimento dum Ocidental» e «Num Bairro Moderno» manifestam uma força que é, com frequência, mais «varonil» do que a do poeta-observador, acantonado no seu exercício contemplativo de uma vida ativa de que apenas pontualmente participa. A «dama fatal» herdada de Baudelaire, e lugar-comum de muita da poesia finissecular, recebe assim em Cesário uma coloração com dimensões inegavelmente simbólicas, antropológicas e mesmo políticas, cuja modernidade deveremos reconhecer.

Mas é também o espaço paradigmático da modernidade e seu palco privilegiado, a cidade, que Cesário recebe como lição maior da poética de Baudelaire, entendendo-o como o lugar dentro do qual essas e outras figuras vão concebendo as suas danças sociais, a terem lugar dentro e já fora de casa e do cenário burguês por excelência que é o «lar» (que aflora em vários poemas, de «Num Bairro Moderno» a «O Sentimento dum Ocidental»). A rua torna-se assim o lugar manifesto de representação de uma sociedade em que as nítidas diferenças de classe são colocadas

lado a lado, em que a atriz se cruza com a dama aristocrática, o pedinte com os calceteiros, os operários com a burguesinha e sua mãe, as costureiras com as floristas, e o poeta com todos eles. Nesta cidade heterogénea, habitada, como quer Walter Benjamin lendo Baudelaire, pela noção de ruína que sustenta as de palimpsesto e de traço, Cesário vai encontrar o lugar por excelência do seu olhar, que capta as fulgurações de múltiplos episódios quase simultâneos, encadeados pela atividade típica de deambulação que transforma o poeta em *flâneur*.

A este respeito como a outros, «O Sentimento dum Ocidental» é, na realidade, o *opus magnum* de Cesário, porque nele se concentram, de forma depurada, todas as características que em vários outros textos seus se revelam também. A estrutura narrativa do poema, perfazendo a epopeia moderna possível depois de Camões e da entrada na era da suspeição que a modernidade traz consigo, articula-se com a manifestação de uma progressiva entrada numa Lisboa noturna de que todos os sinais de fremente vida ativa se vão pouco a pouco evaporando, para a deixar liberta a todos os fantasmas do passado e do futuro que o presente consigo transporta. E o poeta, ativando com os seus passos sem destino os cruzamentos com o inesperado que o tecido urbano permite, progressivamente descobre, sob a fachada da cidade moderna e diurna, cheia de operários e burgueses, «castas esposas» e «tascas e cafés», uma outra cidade, em que «amareladamente, os cães parecem lobos» e pedintes revelam ser «o meu velho professor nas aulas de Latim». É este concatenar de diferentíssimos episódios (ou quase-episódios) entre si que Cesário faz, como Baudelaire tinha feito, trazendo à cena do poema a visão do anonimato moderno como a condição de todos nós, aqueles que depois dele viemos. E esta ocupação do espaço cénico por tantas e tão diferentes personagens, que parecem percorrer às vezes sem destino o espaço da cidade e o seu labirinto de ruas, permite por outro lado o encontro de dois outros elementos centrais: por um lado as fulgurações do imaginado, que teremos de

reconhecer como claro visionarismo; e ainda a percepção da importância da figura do poeta-observador.

Começemos pelo primeiro elemento, porque por vezes ele surge como sendo contraditório relativamente a um pretensão (e real) «realismo» cesárico de que atrás falei como «materialidade do mundo», ancorado na sua percepção da variedade sociossimbólica que as populações urbanas atestam. Se ficou claro, até agora, o modo como a ocupação da cena cesárica é, de forma decisiva, material e concreta, construída por uma rede referencial que aposta fortemente num extremo sensorialismo descritivo e narrativo, o certo é que essa materialidade não pode ser considerada como uma forma de realismo incompatível com a atividade do imaginário. Pelo contrário. Se assim o entendêssemos, perderíamos de Cesário a sua fundamental direção à utopia que o faz exclamar «Se eu não morresse, nunca! E eternamente/Buscasse e conseguisse a perfeição das cousas!» — utopia que é a crença material no poder transfigurador da poesia, e no poder de criação de verdade que ela não só transporta consigo, mas reinventa em cada um dos episódios em que se faz. O realismo cesárico, que é percepção de que a poesia se dirige à realidade e dela não pode prescindir, é de modo não menos fundo uma convicção poética de que o único modo de falar do real é nele perceber os pontos de fuga imaginários e visionários que o habitam, cicatricial ou potencialmente. O único modo de falar do real é então falar poeticamente dele. O trabalho do poeta é, assim, crucial: ele será o que vê, na realidade com que se cruza, aquilo que ela é, *mais* aquilo que ela foi, ou poderia ter sido, ou poderá vir a ser — ou não. O imaginário age *sobre* o real, percebendo-o como traços dos outros reais que ele transporta consigo. O poeta não é para Cesário aquele que deixa de ver o que está para passar a ver outras coisas, mas aquele que consegue ver em palimpsesto: no que está, o que não está. O poeta não vê outra coisa: vê mais e vê sem dúvida melhor, mesmo quando este «melhor» arrasta consigo a ansiedade dos tempos passados e futuros. Mas este

trabalho poético de visionarismo, que Cesário reconhece nas «visões de artista» ou nas «vistas de poeta» que reiteradamente glosa, faz parte integrante daquilo a que podemos então chamar o realismo de Cesário Verde.

É ainda neste mesmo quadro que não podemos deixar de sublinhar a importância decisiva do sujeito poético como sujeito simultaneamente que vê e que imagina. O poeta, deambulando pelo cenário urbano, torna-se permeável (quando não vulnerável, ele que tantas vezes a si mesmo se refere como «mórbido», ou «nevrótico») a todos os encontros do inesperado, e elege para si o papel por excelência do observador, poucas vezes (pelo menos no presente — veja-se o poema «Em Petiz») interferindo ativamente (como faz por exemplo em «Num Bairro Moderno») de uma outra forma que não seja a de um percurso de *flânerie* que o faz aceder à atividade da observação. Trata-se entretanto de um sujeito-observador que, moderno, se coloca perante essa observação como Niklas Luhmann quer que seja a posição do sujeito moderno por excelência: aquele que se observa a observar. Este sujeito-observador de segunda ordem é também aquele que, autorreflexivamente, se interroga sobre a consistência quer do real que percebeção quer de si mesmo como sujeito sensorial — e a concretude e a materialidade das suas sensações podem, assim, ser entendidas como forma de ancorar a experiência do mundo numa experiência corpórea do sujeito-no-mundo. Mais uma vez, poemas como «O Sentimento dum Ocidental», «A Débil» ou «Num Bairro Moderno» fazem perceber no poeta contemplativo o sujeito que se interroga sobre as condições da sua mesma percepção — ele que, em breves textos como «De Tarde», parecia ter encontrado o momento fugaz em que as dúvidas modernas sobre a substância do real se podiam apaziguar.

Entretanto, se é no palco urbano que tais cenas parecem ocorrer de forma privilegiada, o certo é que o mesmo Cesário, moderno, urbano, e frequentemente nevrótico, procura na representação do campo experiências análogas às que o cenário

da cidade em primeira instância lhe ofereceu. Uma das leituras mais recorrentes da obra cesária sublinha, então, precisamente este legado, conformando-o em torno do tradicional *topos* da antítese entre cidade e campo. A questão é bem mais interessante, entretanto, do que o mero reconhecer de tal antítese, como bem viu Helder Macedo: o campo dificilmente cumpre, em Cesário, esse papel de salubridade apaziguadora, para, em todos os poemas relacionáveis com essa temática, mas em particular em «Nós» e «Em Petiz» (e potencialmente também em «De Verão»), pelo contrário se apresentar como um outro lugar para a coorte de pequenas ou grandes perdas que a cidade permitira ao poeta perceber. O bucolismo é então argumentável não apenas no sentido de recuperar a oposição campo/cidade, mas muito claramente também no sentido de captar o fim de uma era que até pode ter sido apenas retrospectivamente imaginada — os paraísos, por definição, são-no apenas depois de perdidos. O campo é assim uma outra figuração dessa perda moderna que, ensombrando a substância do presente, permite nele ler as ruínas dos passados, permitindo também por isso compreender o carácter palimpséstico da experiência da modernidade. A retração cesária ao campo, em poemas como «Nós» (que Macedo com razão considera uma longa pastoral, na esteira de Sá de Miranda), dá conta de um poeta que, da opulência esmagadora do campo e da sua saúde (também ela enganosa), retém o convite à compreensão daquilo que Rosa Maria Martelo¹³, recordando Fiama, designa, embora a propósito do *opus magnum* que «O Sentimento dum Ocidental» é, a visão do «incriado». Em última análise, é em direção a este «incriado», a que podemos também chamar «invenção», que a poesia de Cesário Verde se dirige, «eternamente buscando e conseguindo a perfeição das cousas».

13 Rosa Maria Martelo, «Relendo 'O Sentimento dum Ocidental'», in Cesário Verde, *O Sentimento dum Ocidental*, Porto, Campo das Letras, 2005.

Nota biobibliográfica

Helena Carvalhão Buescu

José Joaquim Cesário Verde nasceu em 25 de fevereiro de 1855 em Lisboa (freguesia de Santa Maria Madalena) e morreu 31 anos mais tarde, em 19 de julho de 1886, no Lumiar, em Lisboa, de tuberculose, a «doença do século». Entre estas duas datas decorreu uma vida que, embora breve, deu lugar a uma obra breve também, mas de uma intensidade e de um valor criativo com consequências incalculáveis para a poesia portuguesa posterior. Não será exagero nem distorção dizer que, sem essa obra (os poemas que circularam desde a sua morte até meados do século xx eram apenas 22), poetas como Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, que reconheceram Cesário Verde como seu mestre (e foi-o sem dúvida), teriam sido sem dúvida diferentes — e, com eles, a poesia portuguesa dos séculos xx e xxi.

Muito cedo na vida do poeta a doença e a morte se anunciaram à sua volta, fazendo com que a família se refugiasse por diversos períodos, o primeiro dos quais tinha Cesário Verde apenas 2 anos, numa quinta de que era proprietária em Linda-a-Pastora, permitindo que desde muito cedo a vivência citadina de Lisboa fosse complementada pela vivência campestre dos arredores da cidade. Ambas as experiências

teriam importância decisiva na formação estética de Cesário, e ver-se-iam transpostas para a matéria dos seus poemas (bastando recordar a forma como, no poema «Nós», a matéria autobiográfica situada no campo e na infância é, na realidade, o grande lugar do poema). Dos seus vários irmãos, apenas um lhe sobreviveria (Jorge Verde, nascido cinco anos depois de Cesário), e teria alguma intervenção na história conturbada da publicação da obra do poeta. A partir de 1858 a família regressa Lisboa e instala-se primeiro na Rua dos Fanqueiros e, dois anos mais tarde, na Rua do Salitre. Alguns anos depois, encontramos Cesário Verde continuando a sua formação comercial, complementada com a aprendizagem das línguas francesa e inglesa (que lhe viriam a ser úteis durante o seu percurso profissional).

É em 1872 que Cesário Verde inicia a sua carreira comercial na loja de seu Pai, J. A. Verde, L.^{da}, «Casa fundada em 1808, ferragens, quinquilharias, fazendas de lã e algodão», situada na Rua dos Fanqueiros. Mas é no ano seguinte (1873) que algumas transformações decisivas ocorrem na sua vida. Inscreve-se no Curso Superior de Letras que viria a abandonar, desiludido, no final do ano letivo; reforça os laços com alguns nomes da elite intelectual lisboeta, que o conduzirão, a partir de 1874, a uma vida boémia particularmente centrada em torno do Café Martinho. Mas, sobretudo, datam de 1873 os seus primeiros textos publicados: «A Forca», «Num Tripúdio de Corte Rigoroso» e «Áridas Messalinas», provavelmente datadas de abril e publicadas em 12 de novembro num folhetim do *Diário de Notícias* por Eduardo Coelho, diretor do jornal e antigo caixeiro da loja de ferragens do pai de Cesário. Ainda em 1873 surgem, em 13 de dezembro, no jornal do Porto *Diário da Tarde*, os poemas «Eu e Ela» e «Lúbrica», dados a lume por Silva Pinto, o amigo (algo irregular) que viria a acompanhar a carreira efémera de Cesário e que viria a ser responsável pela publicação póstuma, em livro, de uma parte dos seus poemas (os 22 poemas incluídos no *Livro de Cesário Verde*). É ainda

em 1873 que surge a primeira menção ao título que Cesário teria em mente para o seu livro: *Cânticos do Realismo*.

A partir de 1874, Cesário continua e intensifica a publicação de vários poemas seus em diferentes jornais e revistas literárias de Lisboa e do Porto. A reação do meio literário português, em particular lisboeta, a Cesário Verde dá conta, na generalidade, da incapacidade de compreender o alcance e a novidade do que estava a acontecer na sua poesia. Ramalho Ortigão e Teófilo Braga criticam, o primeiro, o baudelaireanismo que nele deteta, o segundo aquilo que interpreta como uma inferior força (positiva, para Teófilo). Fialho de Almeida, que viria depois da morte de Cesário a pronunciar-se diversas vezes de forma extremamente favorável (e arguta), também se refere ao poeta, no início da sua carreira, de modo menos perspicaz. Vários jornais e revistas virão a recusar a publicação de poemas seus [atitude a que Cesário se refere, com amargura, algumas vezes (veja-se por exemplo o poema «Nevroses», ou diversas cartas)]. Talvez o cúmulo dessa incompreensão, também pelo carácter absolutamente excepcional do poema, seja o silêncio que rodeia, em 1880, a publicação de «O Sentimento dum Ocidental», que surgiu em *Portugal a Camões*, publicação extraordinária do jornal do Porto *Jornal de Viagens* por ocasião das comemorações camonianas. O próprio poeta compreensivelmente se queixa, em carta a Macedo Papança, conde de Monsaraz, de que este poema não teria obtido «um olhar, um sorriso, um desdém, uma observação». Percebendo, como hoje percebemos, o carácter absolutamente extraordinário e luminoso de «O Sentimento dum Ocidental», não deixa de ser perturbador este facto. Além de tudo o resto, que faz deste poema um dos marcos maiores da poesia em Portugal, nunca Camões terá sido homenageado de forma tão invulgar. O rasto do poema leva-nos até à *Mensagem*, de Fernando Pessoa, e integra as interrogações, dificuldades e persistentes tentações do poema longo, particularmente de recorte épico, na literatura portuguesa.

Entretanto, já pelo menos desde 1877 Cesário Verde se queixava da sua saúde, mesmo em anos de significativa vida

literária: frequenta os serões de Macedo Papança, onde convive com vários nomes da nova geração literária; escreve alguns dos seus poemas mais conhecidos; alarga os padrões estético-literários do seu discurso e da sua criação, combinando de forma incomparável o melhor da herança romântica com a perceção aguda do real que o Naturalismo desenvolve e sobretudo com a intuição dos caminhos, que efetivamente abre e pratica, da modernidade literária e em particular poética. A presença da materialidade das coisas e do quotidiano, citadino e campestre, nos seus poemas; a conjugação entre fugacidade e brilho do mundo; o poder de invenção das suas imagens; o uso de uma adjetivação surpreendente e inesperada; a mestria no manejo do decassílabo e do alexandrino, metros particularmente exigentes em termos de herança literária (sobretudo o decassílabo camoniano, quer heroico quer lírico); a capacidade de perceção da dimensão rítmica do verso, e portanto da materialidade sonora (e até de respiração) do poema — tudo isto faz da poesia de Cesário Verde, em particular entre 1877 e a sua morte, oito anos mais tarde, um lugar cimeiro da história da poesia em Portugal. É provavelmente escrita em 1877 e é publicada, de novo seguida de polémica, em 1878, a sua composição «Num Bairro Moderno».

Do ponto de vista pessoal e familiar, por esta altura Cesário Verde era o responsável, na firma do pai, pela correspondência comercial com vários países (Inglaterra, França, Estados Unidos e Brasil). Passava longos períodos na quinta de Linda-a-Pastora. A partir de 1881, estreitou laços com o chamado Grupo do Leão, que integrava nomes como Fialho de Almeida, Alberto de Oliveira e Abel Botelho, além de pintores como José Malhoa, Silva Porto, Columbano e Rafael Bordalo Pinheiro. A doença cerca o poeta, levando em 1882 um seu irmão mais novo, vítima de tuberculose galopante. Em 1883, Cesário faz ainda uma viagem a Bordéus e Paris, em que os objetivos comerciais se articulam com alguns contactos pessoais e literários. Data de 1884 a publicação do seu último poema completo, «Nós»,

e por esta altura são cada vez mais evidentes os sinais de que a sua saúde se agrava. Profundamente empenhado nos seus afazeres comerciais, Cesário alterna estadias em Linda-a-Pastora, Caneças e Lisboa. Em 1886 é declarado perdido por Sousa Martins, e vem efetivamente a falecer, em 19 de julho, no Lumiar (Lisboa).

Como se depreende, à data da sua morte Cesário Verde era um poeta cuja obra conhecida se encontrava dispersa por diversos jornais e revistas e que, embora tivesse mencionado algumas vezes a sua intenção de publicar um livro (já se viu, com o título de *Cânticos do Realismo*), por outro lado tinha também explicitamente comentado que apenas desejava fazê-lo quando sentisse que ele demonstrava uma definitiva unidade de composição, formal e de conteúdo. Não o veio a fazer. Ainda em 1886, o seu amigo Silva Pinto chama a si a tarefa de reunir os poemas de Cesário Verde, publicando-os em volume. É isso que acontece em 1887, sob o título (meramente descritivo) de *O Livro de Cesário Verde*. Trata-se de uma edição restrita de 200 exemplares, que nem sequer foi posta à venda, destinando-se a «amigos, parentes e admiradores *provados* do poeta». Nesta edição, Silva Pinto elimina os primeiros poemas de Cesário, procede a diversas alterações (títulos, versos, estruturação de alguns poemas, nomeadamente «O Sentimento dum Ocidental», estruturação do volume em duas partes, «Crise Romanesca» e «Naturais») e dá a conhecer três poemas inéditos: «De tarde», «De Verão» e o inacabado «Provincianas».

Sublinhem-se, para compreensão do problema editorial da obra de Cesário, dois factos. Em primeiro lugar, é apenas a partir da 2.^a edição de *O Livro*, em 1901, mas muito especialmente de 1919, com a 3.^a edição, que Cesário Verde alcança uma distribuição menos restrita àqueles «admiradores *provados*» a quem tinha sido oferecido um exemplar da 1.^a edição. Quando Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa se referem a Cesário e escrevem sobre ele, elegendo-o, de forma certa, como um dos seus maiores, eles estão de algum modo a falar

de um «poeta novo», de um poeta que é (efetivamente é) um seu contemporâneo. Mas a realidade é que a percepção da importância global da sua obra, e em particular da edição que dela é feita, é apenas posterior. Muitos esforços foram depois realizados no sentido de compreender até que ponto as alterações de Silva Pinto na edição da poesia de Cesário foram, ou não, legitimadas pela vontade do autor, bem como pela existência de documentos que as tornariam possíveis. Ora, e em segundo lugar, em 1919 um incêndio destrói grande parte da casa de Linda-a-Pastora, e nele desaparece tudo aquilo que poderia ter constituído o espólio de Cesário Verde, nomeadamente os seus papéis e, por isso, os manuscritos que ali teriam existido dos seus poemas. A infeliz conjugação destes dois fatores (a lenta e tardia fortuna crítica e editorial e o desaparecimento do seu espólio), associada a observações contraditórias do próprio Silva Pinto, torna a obra de Cesário num problema editorial, sendo certo que ela foi ganhando leitores indefetíveis a partir da edição Silva Pinto, a única efetivamente disponível até que o grande nome do historiador Joel Serrão tenha persistentemente elaborado, a partir dos anos 1960, a magnífica reflexão que conduziu à sua *Obra Completa de Cesário Verde*¹. Serrão demonstrou à sociedade, na sequência do estudo pioneiro de Luís Amaro de Oliveira, nos anos 40, a ausência de legitimação crítica e ecdótica da edição feita por Silva Pinto.

Resta-nos, pois, compreender que aquilo que teremos de Cesário Verde, como obra publicada, será sempre (a menos que algum acontecimento imprevisível ocorra, que possa alterar tal

1 Devemos com toda a justiça destacar o nome de Joel Serrão de entre os estudiosos que dedicaram a Cesário Verde parte significativa do seu labor. A nota biobibliográfica que damos é devedora da sua obra fundamental, *Obra Completa de Cesário Verde*, Livros Horizonte, Lisboa, 1988, bem como de diversos ensaios que foi publicando. Socorremo-nos ainda em particular das seguintes obras: João Pinto de Figueiredo, *Cesário Verde*, Lisboa, Editorial Presença, 1986; *Poesia de Cesário Verde*, prefácio de Fernando Pinto do Amaral, Texto Editora, Lisboa, 2004; Cesário Verde, *Cânticos do Realismo e Outros Poemas. 32 Cartas*, edição de Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Relógio d'Água, 2006; Helena Carvalhão Buescu e Paula Morão (eds.), *Cesário Verde. Visões de Artista*, Porto, Campo das Letras, 2007.

situação) uma edição com diferentes tipos de precariedade, visto que é impossível considerar que qualquer das formas que ela tome corresponde de facto à última vontade expressa pelo seu autor. Trata-se, todavia, de compreender que essas formas de precariedade são entre si diferentes, que mais não fosse porque Silva Pinto *exclui* um grande número de poemas de Cesário da edição que faz. E isto, num poeta cuja parcimónia criativa só vai de par com a sua luminosa invenção, é um terrível problema: a edição de Silva Pinto acolhe 22 poemas de Cesário; aquilo que podemos hoje considerar a sua obra completa² conhecida é praticamente o dobro, num total de 40 poemas. Todos eles são poemas cuja leitura é transformadora. Vários são a todos os títulos extraordinários. A sua reunião confirma Cesário Verde como um dos maiores poetas em língua portuguesa.

Este conjunto de razões explica que, nesta edição, tenhamos optado pela titulação mista que, por um lado, desloca o título «descritivo» da edição de Silva Pinto para o subtítulo e, por outro, acolhe como título o que Cesário Verde mencionou como o de um seu futuro livro (e que foi o adotado pela edição de Teresa Sobral Cunha).

2 Não integro neste número o poema sem assinatura nem data que Teresa Sobral Cunha considera provável ser de Cesário, mas relativamente ao qual não existe um suporte documental de atribuição. Ele vai, todavia, integrado na presente edição, em anexo.

Cânticos do Realismo
O Livro de Cesário Verde

A força

Já que adorar-me dizes que não podes,
Imperatriz serena, alva e discreta,
Ai, como no teu colo há muita seta
E o teu peito é peito dum Herodes,

Eu antes que encaneçam meus bigodes
Ao meu mister de amar-te hei de pôr meta,
O coração m'ò diz — feroz profeta,
Que anões faz dos colossos lá de Rodes.

E a vida depurada no cadinho
Das eróticas dores do alvoroço,
Acabará na força, num azinho,

Mas o que há de apertar o meu pescoço
Em lugar de ser corda de bom linho
Será do teu cabelo um menos grosso.

2 abril 1873

Num tripúdio de corte rigoroso,
Eu sei quem descobriu Vénus linfática,
— Beleza escultural, grega, simpática,
Um tipo peregrino e luminoso. —

Foi lâmpada no mundo cavernoso,
Inspiradora foi de carta enfática,
Onde a alma candente mas sem tática
Se espriava num canto lacrimoso.

Mas ela em papel fino e perfumado,
Respondeu certas coisas deslumbrantes,
Que o puseram, ó céus, desapontado!

Eram falsas as frases palpitantes
Pois que tudo, ó meu Deus, fora roubado
Ao bom do *Secretário dos Amantes*

16 abril 1873

.....
Ó áridas Messalinas
Não entreis no santuário,
Transformareis em ruínas
O meu imenso sacrário!

Oh! a deusa das doçuras,
A mulher! eu a contemplo!
Vós tendes almas impuras,
Não me profaneis o templo!

A mulher é ser sublime,
É conjunto de carinhos,
Ela não propaga o crime,
Em sentimentos mesquinhos.

Vós sois umas vis afrontas,
Que nos dão falsos prazeres,
Não sei se sois más se tontas,
Mas sei que não sois mulheres!

Eu e ela

Cobertos de folhagem, na verdura,
O teu braço ao redor do meu pescoço,
O teu fato sem ter um só destroço,
O meu braço apertando-te a cintura;

Num mimoso jardim, ó pomba mansa,
Sobre um banco de mármore assentados,
Na sombra dos arbustos, que abraçados,
Beijarão meigamente a tua trança,

Nós havemos de estar ambos unidos,
Sem gozos sensuais, sem más ideias,
Esquecendo para sempre as nossas ceias,
E a loucura dos vinhos atrevidos.

Nós teremos então sobre os joelhos
Um livro que nos diga muitas cousas
Dos mistérios que estão p'ra além das lousas,
Onde havemos de entrar antes de velhos.

Outras vezes buscando distração,
Leremos bons romances galhofeiros,
Gozaremos assim dias inteiros,
Formando unicamente um coração.

Beatos ou pagãos, vida à paxá,
Nós leremos, aceita este meu voto,
O *Flos Sanctorum* místico e devoto
E o laxo *Cavaleiro de Faublas*...

Lúbrica...

Mandaste-me dizer,
No teu bilhete ardente,
Que hás de por mim morrer,
Morrer muito contente.

Lançaste no papel
As mais lascivas frases;
A carta era um painel
De cenas de rapazes!

Ó cálida mulher,
Teus dedos delicados
Traçaram do prazer
Os quadros depravados!

Contudo, um teu olhar
É muito mais fogo,
Que a febre epistolar
Do teu bilhete ansioso;

Do teu rostinho oval
 Os olhos tão nefandos
 Traduzem menos mal
 Os vícios execrandos.

Teus olhos sensuais,
 Libidinosa Marta,
 Teus olhos dizem mais
 Que a tua própria carta.

As grandes comoções
 Tu neles, sempre, espelhas;
 São lúbricas paixões
 As vívidas centelhas...

Teus olhos imorais,
 Mulher, que me dissecas,
 Teus olhos dizem mais
 Que muitas bibliotecas!

Ele

Ao Diário Ilustrado

Era um deboche enorme, era um festim devasso!
No palácio real brilhava a infame orgia,
E até bebiam vinho os mármoreos do paço!

O champanhe era a rodo, o deus era a Folia;
Entre o rumor febril soltava gargalhadas,
Pálido e embriagado o herói da monarquia!

Riam-se os cortesãos p'ra as taças empinadas,
E referviam sempre os ponches palacianos
Nas mesas de oiro e prata, em Roma cinzeladas.

Era a repercussão dos bodos luculianos!
E os áulicos boçais e os parasitas nobres
Bebiam doidamente os vinhos de mil anos.

Desmaiavam na rua, à fome, os Jobs, os pobres;
Em peles de leões os régios pés gozavam,
E o norte, nos salões, gemia uns tristes dobres.

À louca, os comensais, com força, arremessavam
 Garrafas de cristal a espelhos de Veneza,
 E à chuva, ao vento, ao frio, os povos soluçavam.

Tremia, vinolenta, a velha realeza,
 Caíam na alcatifa os duques e os criados,
 E, sujos, com fragor, rolavam sob a mesa.

A púrpura nadava em vinhos trasbordados,
 Cantava um cardeal não sei que *chansonnette*,
 E o espírito subia aos cérebros irados.

Era um tripúdio infrene o festival banquete!
 O rei, bêbedo enfim, vazando o copo erguido,
 Quis saudar e caiu de bruços no tapete.

E o sultão europeu, em vinhos imergido,
 Pisado, pelo chão, rojou-se p'ra a janela,
 Como um lagarto imundo, estúpido e comprido.

A brisa dessa noite, hiberna noite bela,
 Deu na frente real uma fugaz lufada,
 E o rei, agoniado, à luz de cada estrela,

Curvou-se e vomitou nas pedras da calçada.

.....

Na praça, de manhã, havia, oh rei brutal,
 Montões de sordidez horrível e avinhada...

Nascera o *Ilustrado*, o vómito real!

Impossível!

Nós podemos viver alegremente,
Sem que venham, com fórmulas legais,
Unir as nossas mãos, eternamente,
As mãos sacerdotais.

Eu posso ver os ombros teus desnudos,
Palpá-los, contemplar-lhes a brancura,
E até beijar teus olhos tão ramudos,
Cor de azeitona escura.

Eu posso, se quiser, cheio de manha,
Sondar, quando vestida, p'ra dar fé,
A tua camisinha de *bretanha*,
Ornada de *crochet*.

Posso sentir-te em fogo, escandecida,
De faces cor-de-rosa e vermelhão,
Junto a mim, com langor, entredormida,
Nas noites de verão.

Eu posso, com valor que nada teme,
Contigo preparar lautos festins,
E ajudar-te a fazer o *leite-creme*,
E os mélicos pudins.

Eu tudo posso dar-te, tudo, tudo,
Dar-te a vida, o calor, dar-te *cognac*,
Hinos de amor, vestidos de veludo,
E botas de duraque.

E até posso com ar de rei, que o sou!
Dar-te cautelas brancas, minha rola,
Da grande loteria que passou,
Da boa, da espanhola.

Já vês, pois, que podemos viver juntos,
Nos mesmos aposentos confortáveis,
Comer dos mesmos bolos e presuntos,
E rir dos miseráveis.

Nós podemos, nós dois, por nossa sina,
Quando o sol é mais rúbido e escarlate,
Beber na mesma chávena da China
O nosso chocolate.

E podemos até, noites amadas!
Dormir juntos dum modo galhofeiro,
Com as nossas cabeças repousadas
No mesmo travesseiro.

Posso ser teu amigo até à morte,
Sumamente amigo! Mas por lei,
Ligar a minha sorte à tua sorte,
Eu nunca poderei!

Eu posso amar-te como o Dante amou,
Seguir-te sempre como a luz ao raio,
Mas ir, contigo, à igreja, isso não vou,
Lá nessa é que eu não caio!

Lisboa

Lágrimas

Ela chorava muito e muito, aos cantos,
Frenética, com gestos desabridos;
Nos cabelos, em ânsias desprendidos,
Brilhavam como pérolas os prantos.

Ele, o amante, sereno como os santos,
Deitado no sofá, pés aquecidos,
Ao sentir-lhe os soluços consumidos,
Sorria-se cantando alegres cantos.

E dizia-lhe então, de olhos enxutos:
— «Tu pareces nascida da rajada,
Tens despeitos raivosos, resolutos;

Chora, chora, mulher arrenegada;
Lacremeja por esses aquedutos...
— Quero um banho tomar de água salgada.»

Lisboa

Proh pudor!

Todas as noites ela me cingia
Nos braços, com brandura gasalhosa;
Todas as noites eu adormecia,
Sentindo-a desleixada e langorosa.

Todas as noites uma fantasia
Lhe emanava da fronte imaginosa;
Todas as noites tinha uma mania
Aquela conceção vertiginosa.

Agora, há quase um mês, modernamente,
Ela tinha um furor dos mais soturnos,
Furor original, impertinente...

Todas as noites ela, oh! sordidez!
Descalçava-me as botas, os coturnos,
E fazia-me cócegas nos pés...

Lisboa

Manias

O mundo é velha cena ensanguentada,
Coberta de remendos, picaresca;
A vida é chula farsa assobiada,
Ou selvagem tragédia romanesca.

Eu sei um bom rapaz, — hoje uma ossada —,
Que amava certa dama pedantesca,
Perversíssima, esquelética e chagada,
Mas cheia de jactância quixotesca.

Aos domingos a deia já rugosa,
Concedia-lhe o braço, com preguiça,
E o dengue, em atitude receosa,

Na sujeição canina mais submissa,
Levava na tremente mão nervosa,
O livro com que a amante ia ouvir missa!

Lisboa

Heroísmos

Eu temo muito o mar, o mar enorme,
Solene, enraivecido, turbulento,
Erguido em vagalhões, rugindo ao vento;
O mar sublime, o mar que nunca dorme.

Eu temo o largo mar, rebelde, informe,
De vítimas famélico, sedento,
E creio ouvir em cada seu lamento
Os ruídos dum túmulo disforme.

Contudo, num barquinho transparente,
No seu dorso feroz vou blasonar,
Tufada a vela e n'água quase assente,

E ouvindo muito ao perto o seu bramar,
Eu rindo, sem cuidados, simplesmente,
Escarro, com desdém, no grande mar!

Lisboa

Cantos da tristeza

Talvez já te não lembres, triste Helena,
Dos passeios que dávamos sozinhos,
À tardinha, naquela terra amena,
No tempo da colheita dos bons vinhos.

Talvez já te não lembres, pesarosa,
Da casinha caiada em que morámos,
Nem do adro da ermida silenciosa,
Onde nós tantas vezes conversámos.

Talvez já te esquecesses, ó bonina,
Que viveste no campo só comigo,
Que te osculei a boca purpurina,
E que fui o teu sol e o teu abrigo.

Que fugiste comigo da Babel,
Mulher como não há nem na Circássia,
Que bebemos, nós dois, do mesmo fel,
E regámos com prantos uma acácia.

Talvez já te não lembres com desgosto
Daquelas brancas noites de mistério,
Em que a lua sorria no teu rosto
E nas lajes campais do cemitério.

Talvez já se apagassem as miragens
Do tempo em que eu vivia nos teus seios,
Quando as aves cantando entre as ramagens
O teu nome diziam nos gorjeios.

Quando, à brisa outoniça, como um manto,
Os teus cabelos de âmbar, desmanchados,
Se prendiam nas folhas dum acanto,
Ou nos bicos agrestes dos silvados.

E eu ia desprendê-los, como um pajem
Que a cauda solevasse aos teus vestidos,
E ouvia murmurar à doce aragem
Uns delírios de amor, entristecidos.

Quando eu via, invejoso, mas sem queixas,
Pousarem borboletas doudejantes
Nas tuas formosíssimas madeixas,
D'aquela cor das messes lourejantes.

E no pomar, nós dois, ombro com ombro,
Caminhávamos sós e de mãos dadas,
Beijando os nossos rostos sem assombro,
E colorindo as faces desbotadas.

Quando, Helena, bebíamos, curvados,
As águas nos ribeiros remansosos,
E, nas sombras, olhando os céus amados,
Contávamos os astros luminosos.

Quando, uma noite, em êxtases caímos
Ao sentir o chorar d'algumas fontes,
E os cânticos das rãs que sobre os limos
Quebravam a soidão dos altos montes.

E assentados nos rudes escabelos,
Sob os arcos de murta e sobre as relvas,
Longamente sonhámos sonhos belos,
Sentindo a fresquidão das verdes selvas.

Quando ao nascer da aurora, unidos ambos
Num amor grande como um mar sem praias,
Ouvíamos os meigos ditirambos
Que os rouxinóis teciam nas olaias.

E, afastados da aldeia e dos casais,
Eu contigo, abraçado como as heras,
Escondidos nas ondas dos trigais,
Devolvia-te os beijos que me deras.

Quando, se havia lama no caminho,
Eu te levava ao colo sobre a greda,
E o teu corpo nevado como arminho
Pesava menos que um papel de seda.

Talvez já te esquecesses dos poemetos,
Revoltos como os bailes do Casino,
E d'aqueles byrónicos sonetos
Que eu gravei no teu peito alabastrino.

De tudo certamente te esqueceste,
Porque tudo no mundo morre e muda,
E agora és triste e só como um cipreste,
E como a campa jazes fria e muda.

Esqueceste sim, meu sonho querido,
Que o nosso belo e lúcido passado
Foi um único abraço comprimido,
Foi um beijo, por meses, prolongado.

E foste sepultar-te, ó serafim,
No claustro das Fiéis emparedadas,
Escondeste o teu rosto de marfim
No véu negro das freiras resignadas.

E eu passo tão calado como a Morte
Nesta velha cidade tão sombria,
Chorando aflitamente a minha sorte
E prelibando o cálix da agonia.

E, tristíssima Helena, com verdade,
Se pudera na terra achar suplícios,
Eu também me faria gordo frade
E cobriria a carne de cilícios.

Vaidosa

Dizem que tu és pura como um lírio
E mais fria e insensível que o granito,
E que eu que passo aí por favorito
Vivo louco de dor e de martírio.

Contam que tens um modo altivo e sério,
Que és muito desdenhosa e presumida,
E que o maior prazer da tua vida,
Seria acompanhar-me ao cemitério.

Chamam-te a bela imperatriz das fátuas,
A déspota, a fatal, o figurino,
E afirmam que és um molde alabastrino,
E não tens coração, como as estátuas.

E narram o cruel martirologio
Dos que são teus, ó corpo sem defeito,
E julgam que é monótono o teu peito
Como o bater cadente d'um relógio.

Porém eu sei que tu, que como um ópio
Me matas, me desvairas e adormeces,
Ês tão louira e dourada como as messes
E possuis muito amor... muito *amor-próprio*.

Lisboa

Cinismos

Eu hei de lhe falar lugubrememente
Do meu amor enorme e massacrado,
Falar-lhe com a luz e a fé dum crente.

Hei de expor-lhe o meu peito descarnado,
Chamar-lhe minha cruz e meu Calvário,
E ser menos que um Judas empalhado.

Hei de abrir-lhe o meu íntimo sacrário
E, desvendar a vida, o mundo, o gozo,
Como um velho filósofo lendário.

Hei de mostrar tão triste e tenebroso,
Os pegos abismais da minha vida,
E hei de olhá-la d'um modo tão nervoso,

Que ela há de, enfim, sentir-se constrangida,
Cheia de dor, tremente, alucinada,
E há de chorar, chorar enternecida!

E eu hei de, então, soltar uma risada...

Lisboa

Caprichos

I

Num castelo deserto e solitário,
Toda de preto, às horas silenciosas,
Envolve-se nas pregas d'um sudário
E chora como as grandes criminosas.

Pudesse eu ser o lenço de Bruxelas
Em que ela esconde as lágrimas singelas.

II

E loura como as doces escocesas,
D'uma beleza ideal quase indecisa;
Circunda-se de luto e de tristezas
E excede a melancólica Artemisa.

Fosse eu os seus vestidos afogados
E havia de escutar-lhe os seus pecados.

III

Alta noite, os planetas argentados
 Deslizam um olhar macio e vago
 Nos seus olhos de pranto marejados
 E nas águas mansíssimas do lago.

Pudesse eu ser a lua, a lua terna,
 E faria que a noite fosse eterna.

IV

E os abutres e os corvos fazem giros
 De roda das ameias e dos pegos,
 E nas salas ressoam uns suspiros
 Dolentes como as súplicas dos cegos.

Fosse eu aquelas aves de pilhagem
 E cercara-lhe a frente, em homenagem.

V

E ela vaga nas praias rumorosas,
 Triste como as rainhas destronadas,
 A contemplar as gôndolas airosas,
 Que passam, *a giorno* iluminadas.

Pudesse eu ser o rude gondoleiro
 E ali é que fizera o meu cruzeiro.

VI

De dia, entre os veludos e as sedas,
Murmurando palavras aflitivas,
Vagueia nas umbrosas alamedas
E acarinha, de leve, as sensitivas.

Fosse eu aquelas árvores frondosas
E prendera-lhe as roupas vaporosas.

VII

Ou domina, a rezar, no pavimento
Da capela onde outrora se ouviu missa,
A música dulcíssima do vento
E o sussurro do mar que s'espreguiça.

Pudesse eu ser o mar e os meus desejos
Eram ir borrifar-lhe os pés com beijos.

VIII

E às horas do crepúsculo saudosas,
Nos parques com tapetes cultivados,
Quando ela passa curvam-se amorosas
As estátuas dos seus antepassados.

Fosse eu também granito e a minha vida
Era vê-la a chorar arrependida.

IX

No palácio isolado como um monge,
 Erram as velhas almas dos precitos,
 E nas noites de inverno ouvem-se ao longe
 Os lamentos dos náufragos aflitos.

Pudesse eu ter também uma procela
 E as lentas agonias ao pé d'ela!

X

E às lajes, no silêncio dos mosteiros,
 Ela conta o seu drama negregado,
 E o vasto carmesim dos reposteiros
 Ondula como um mar ensanguentado.

Fossem aquelas mil tapeçarias
 Nossas mortalhas quentes e sombrias.

XI

E assim passa, chorando, as noites belas,
 Sonhando uns tristes sonhos doloridos,
 E a refletir das góticas janelas
 As estrelas dos céus desconhecidos.

Pudesse eu ir sonhar também contigo
 E ter as mesmas pedras no jazigo!

.....

XII

Mergulha-se em angústias lacrimosas
Nos ermos d'um castelo abandonado,
E as próximas florestas tenebrosas
Repercutem um choro amargurado.

Uníssemos, nós dois, as nossas covas,
Ó doce castelã das minhas trovas!

Lisboa

Esplêndida

Ei-la! Como vai bela! Os esplendores
Do lúbrico Versailles do Rei-Sol
Aumenta-os com retoques sedutores.
É como o refulgir d'um arrebol
Em sedas multicores.

Deita-se com langor no azul celeste
Do seu *landau* forrado de cetim;
E os seus negros corcéis que a espuma veste,
Sobem a trote a rua do Alecrim,
Velozes como a peste.

É fidalga e soberba. As incensadas
Dubarry, Montespan e Maintenon
Se a vissem ficariam ofuscadas.
Tem a altivez magnética e o bom tom
Das cortes depravadas.

É clara como os *pós à marechala*.
E as mãos, que o *Jock Club* embalsamou,
Entre peles de tigres as regala;
De tigres que por ela apunhalou,
Um amante, em Bengala.

É ducalmente esplêndida! A carruagem
Vai agora subindo devagar;
Ela, no brilhantismo da equipagem,
Ela, de olhos cerrados, a cismar
Atrai como a voragem!

Os lacaios vão firmes na almofada;
E a doce brisa dá-lhes de través
Nas capas de borracha esbranquiçada,
Nos chapéus com roseta, e nas librés
De forma aprimorada.

E eu vou acompanhando-a, corcovado,
No *trottoir*, como um doido, em convulsões,
Febril, de colarinho amarrotado,
Desejando o lugar dos seus truões,
Sinistro e mal trajado.

E daria, contente e voluntário,
A minha independência e o meu porvir,
Para ser, eu poeta solitário,
Para ser, ó princesa sem sorrir,
Teu pobre trintanário.

E aos almoços magníficos do Mata
Preferiria ir, fardado, aí,
Ostentando galões de velha prata,
E de costas voltadas para ti,
Formosa aristocrata!

Lisboa

Arrojos

Se a minha amada um longo olhar me desse
Dos seus olhos que ferem como espadas,
Eu domaria o mar que se enfurece
E escalaria as nuvens rendilhadas.

Se ela deixasse, extático e suspenso
Tomar-lhe as mãos *mignonnes* e aquecê-las,
Eu com um sopro enorme, um sopro imenso
Apagaria o lume das estrelas.

Se aquela que amo mais que a luz do dia,
Me aniquilasse os males taciturnos,
O brilho dos meus olhos venceria
O clarão dos relâmpagos noturnos.

Se ela quisesse amar, no azul do espaço,
Casando as suas penas com as minhas,
Eu desfaria o sol como desfaço
As bolas de sabão das criancinhas.

Se a Laura dos meus loucos desvarios
Fosse menos soberba e menos fria,
Eu pararia o curso aos grandes rios
E a terra sob os pés abalaria.

Se aquela por quem já não tenho risos
Me concedesse apenas dois abraços,
Eu subiria aos róseos paraísos
E a lua afogaria nos meus braços.

Se ela ouvisse os meus cantos moribundos
E os lamentos das cítaras estranhas,
Eu ergueria os vales mais profundos
E abateria as sólidas montanhas.

E se aquela visão da fantasia
Me estreitasse ao peito alvo como arminho,
Eu nunca, nunca mais me sentaria
Às mesas espelhentas do Martinho.

Lisboa

Flores venenosas

I

Cabelos

Ó vagas de cabelo esparsas longamente,
Que sois o vasto espelho, onde eu me vou mirar,
E tendes o cristal d'um lago refulgente
E a rude escuridão de um largo e negro mar.

Cabelos torrenciais, d'aquela que m'enleva,
Deixai-me mergulhar as mãos e os braços nus
No bátrato febril da vossa grande treva,
Que tem cintilações e meigos céus de luz.

Deixai-me navegar, morosamente, a remos,
Quando ele estiver brando e livre dos tufões,
E, ao plácido luar, ó vagas, marulhemos
E enchamos d'harmonia as amplas solidões.

Deixai-me naufragar no dorso dos cachopos
Ocultos nesse abismo, escuro, etéreo e bom,
Como um licor renano a fermentar nos copos,
Ou como um pé subtil, calçado à Benoiton!

Ó pálida mulher, formosa, incomparável,
Que tens o imenso bem de ter cabelos tais,
E os pisas desdenhosa, ativa, imperturbável,
Entre o rumor banal dos hinos triunfais;

Consente que eu aspire esse perfume raro,
Que exalas da cabeça erguida com fulgor,
Perfume que estonteia um milionário avaro
E faz morrer de febre um louco sonhador.

Eu sei que não possuis balsâmicos desejos,
Que és fria e não trilhaste a senda do prazer,
Mas ouço, ao ver-te andar, melódicos harpejos,
Que fazem mansamente amar e languescer.

E a tua cabeleira, em ondas, pelas costas,
Suponho que te serve, em noites de verão,
De plácido espaldar aonde te recostas
Se sentes o abandono e a morna prostração.

E ela há de, ela há de, um dia, em turbilhões insanos,
Nos rolos envolver-me e encher-me do vigor,
Que antigamente deu, nos circos dos romanos,
Um óleo para ungir o corpo ao gladiador.

.....

Ó mantos de veludo esplêndido e sombrio,
Na vossa vastidão eu vou talvez morrer!
Mas vinde-me aquecer que eu tenho muito frio
E quero asfixiar-me em ondas de prazer!

Lisboa, abril.

Ironias do desgosto

Onde é que te nasceu, dizia-me ela às vezes,
O horror calado e triste às cousas sepulcrais?
Porque é que não possuis a *verve* dos franceses
E aspiras em silêncio os frascos dos meus saís?

Porque é que tens no olhar moroso e persistente,
As sombras d'um jazigo e as fundas abstrações,
E abrigas tanto fel no peito que não sente
O abalo feminino das minhas expansões?

Há quem te julgue um velho. O teu sorriso é falso
E quando tentas rir parece então, meu bem,
Que estão a construir um negro cadafalso
E ou vai alguém morrer ou vão matar alguém.

Eu vim, não sabes tu? para gozar em maio
No campo a quietação banhada de prazer!
Não vês, ó descorado, as vestes com que eu saio
E os júbilos que abril acaba de trazer?

Não vês como a campina é toda embalsamada
 E como nos alegra em cada nova flor?
 E então porque é que tens na fronte consternada
 Não sei que de tocante e de enternecedor? —

E eu só lhe respondia: — Escuta-me, conforme
 Tu vibras os cristais da boca musical,
 Vai-nos minando o Tempo, o Tempo, o cancro enorme
 Que te há de corromper o corpo de vestal.

E eu calmamente sei, na dor que me amortalha,
 Que a tua cabecinha ornada à Rabagas,
 A pouco e pouco há de ir tornando-se grisalha
 E em breve ao quente sol e ao gás alvejará!

E eu que daria um rei por cada teu suspiro,
 Eu que amo a mocidade e as modas fúteis, vãs,
 Eu morro de pesar, talvez porque prefiro
 O teu cabelo escuro às veneráveis cãs!

Lisboa, 1874

Melodias vulgares

Fui ontem visitar o jardimzinho agreste,
Aonde tanta vez a lua nos beijou,
E em tudo eu vi sorrir o amor que tu me deste,
Soberba como um sol, serena como um voo.

Em tudo cintilava o límpido poema
Com ósculos rimado às luzes dos planetas;
A abelha inda zumbia em torno da alfazema;
E via-se o matiz das leves borboletas.

Em tudo eu pude ver ainda a tua imagem,
A imagem que inspirava os castos madrigais;
E as virações, o rio, os astros, a paisagem,
Traziam-me à memória idílios imortais.

Diziam-me que tu, no flórido passado,
Detinhas sobre mim, ao pé d'aquelas rosas,
Aquele teu olhar moroso e delicado,
Que fala de langor e d'emoções mimosas;

E, ó pálida Clarisse, ó alma ardente e pura,
Que não me desgostou nem uma vez sequer,
Eu não sabia haurir do cálix da ventura
O néctar que nos vem dos mimos da mulher!

Falou-me tudo, tudo, em tons comovedores,
Do nosso amor, que uniu as almas de dois entes;
As falas quase irmãs das auras com as flores
E a mole exalação dos campos rescendentes.

Inda pensei ouvir aquelas coisas mansas
No ninho de afeições criado para ti,
Por entre o riso claro, e as vozes das crianças,
E as nuvens que esbocei, e os sonhos que nutri.

Lembrei-me muito, muito, ó símbolo das santas,
Do tempo em que eu soltava as notas inspiradas,
E sob aquele céu e sobre aquelas plantas
Bebemos o elixir das tardes perfumadas.

E nosso bom romance escrito num desterro,
Beijos sem ruído, em noites sem luar,
Fizeram-m'o reler, mais tristes que um enterro,
Os goivos, a baunilha e as rosas-de-toucar.

Mas tu agora nunca, ai, nunca mais te sentas
Nos bancos de tijolo em musgo atapetados,
E eu não te beijarei, às horas sonolentas,
Os dedos de marfim, polidos e delgados...

Eu, por não ter sabido amar os movimentos
Da estrofe mais ideal das harmonias mudas,
Eu sinto as deceções e os grandes desalentos
E tenho um riso mau como o sorrir de Judas.

E tudo enfim passou, passou como uma pena
Que o mar leve no dorso exposto aos vendavais,
E aquela doce vida, aquela vida amena,
Ai, nunca mais virá, Clarisse, nunca mais!

Ó minha boa amiga, ó minha meiga amante!
Quando ontem eu pisei, bem magro e bem curvado,
A areia em que rangia a saia roçagante,
Que foi na minha vida o céu aurirrosado;

Eu tinha tão impresso o cunho da saudade,
Que as ondas que formei das suas ilusões
Fizeram-me cismar na minha soledade
E as asas ir abrindo às minhas impressões.

Soltei com devoção lembranças inda escravas,
No espaço construí fantásticos castelos,
No tanque debrucei-me em que te debruçavas,
E onde o luar parava os raios amarelos.

Cuidei até sentir, mais doce que uma prece,
Suster a minha fé, num véu consolador,
O teu divino olhar que as pedras amolece,
E há muito me prendeu nos cárceres do amor.

E cheio das visões em que a alma se dilata,
Julguei-me no teu peito, ó coração que dormes!
E foram embalar-me as águas da cascata
De búzios naturais e conchas multiformes.

Os teus pequenos pés, aqueles pés suaves,
Julguei-os esconder por entre as minhas mãos,
E imaginei ouvir no conversar das aves
As célicas canções dos anjos teus irmãos.

E como na minha alma a luz era uma aurora,
A aragem ao passar parece que me trouxe
O som da tua voz, metálica, sonora,
E o teu perfume forte, o teu perfume doce.

Agonizava o sol gostosa e lentamente,
Um sino que tangia, austero e com vagar,
Vestia de tristeza esta paixão veemente,
Esta doença, enfim, que a morte há de curar.

E quando m'envolveu a noite, noite fria,
Eu trouxe do jardim duas saudades roxas,
E vim a meditar em quem me cerraria,
Depois de eu me morrer, as pálpebras já frouxas.

Porém, minha Clarisse, eu peço que não creias
Que eu ame esta existência e não lhe queira um fim;
Há tempos que não sinto o sangue pelas veias
E a campa talvez seja afável para mim.

Portanto, eu, que não cedo às atrações do gozo,
Sem custo hei de deixar as mágoas d'este mundo,
E, ó pálida mulher, de longo olhar piedoso,
Em breve te olharei calado e moribundo.

Mas quero só fugir das coisas e dos seres,
Só quero abandonar a vida triste e má
Na véspera do dia em que também morreres,
Morreres de pesar, por eu não *viver* já!

Lisboa

Cadências tristes

A João de Deus

Ó bom João de Deus, ó lírico imortal,
Eu gosto de te ouvir falar timidamente,
Num beijo, num olhar, num plácido ideal;
Eu gosto de te ver contemplativo e crente,
Ó pensador suave, ó lírico imortal!

E fico descansada, à noute, quando cismo
Que tentam proscrever a sensibilidade,
E querem denegrir o cândido lirismo;
Porque o teu rosto exprime uma serenidade,
Que vem tranquilizar-me, à noute, quando cismo!

O enleio, a simpatia e toda a comoção
Tu mostras no sorriso ascético e perfeito;
E tens o edificante e doce amor cristão,
Num trono de bondade, a iluminar-te o peito,
Que é toda a melodia e toda a comoção!

Poeta da mulher! Atende, escuta, pensa,
Já que és o nosso irmão, já que és o nosso mestre,
Que ela, ou doente sempre ou na convalescença,
E como a flor de estufa em solidão silvestre,
Ao tempo abandonada! Atende, escuta, pensa.

E ó meigo visionário, ó meu devaneador,
O sentimentalismo há de mudar de fases;
Mas só quando morrer a derradeira flor
É que não hão-de ler-se os versos que tu fazes,
Ó bom João de Deus, ó meu devaneador!

Lisboa, outubro

Humilhações

De todo o coração – a Silva Pinto

Esta aborrece quem é pobre. Eu, quase Job,
Aceito os seus desdéns, seus ódios idolatro-os;
E espero-a nos salões dos principais teatros,
Todas as noites, ignorado e só.

Lá cansa-me o ranger da seda, a orquestra, o gás;
As damas, ao chegar, gemem nos espartilhos,
E enquanto vão passando as cortesãs e os brilhos,
Eu analiso as peças no cartaz.

Na representação dum drama de Feuillet,
Eu aguardava, junto à porta, na penumbra,
Quando a mulher nervosa e vã que me deslumbra
Saltou soberba o estribo do *coupé*.

Como ela marcha! Lembra um magnetizador.
Roçavam no veludo as guarnições das rendas;
E, muito embora tu, burguês, me não entendas,
Fiquei batendo os dentes de terror.

Sim! Porque não podia abandoná-la em paz!
 Ó minha pobre bolsa, amortalhou-se a ideia
 De vê-la aproximar, sentado na plateia,
 De tê-la num binóculo mordaz!

Eu ocultava o fraque usado nos botões;
 Cada contratador dizia em voz rouquenha:
 — Quem compra algum bilhete ou vende alguma senha?
 E ouviam-se cá fora as ovações.

Que desvanecimento! A pérola do Tom!
 As outras ao pé dela imitam de bonecas;
 Têm menos melodia as harpas e as rabecas,
 Nos grandes espetáculos do Som.

Ao mesmo tempo, eu não deixava de a abranger;
 Vi-a subir, direita, a larga escadaria
 E entrar no camarote. Antes estimaria
 Que o chão se abrisse para me abater.

Saí; mas ao sair senti-me atropelar.
 Era um municipal sobre um cavalo. A guarda
 Espanca o povo. Irei-me; e eu, que detesto a farda,
 Cresci com raiva contra o militar.

De súbito, fanhosa, infecta, rota, má,
 Pôs-se na minha frente uma velhinha suja,
 E disse-me, piscando os olhos de coruja:
 — Meu bom senhor! Dá-me um cigarro? Dá?...

Deslumbramentos

s.

Milady, é perigoso contemplá-la
Quando passa aromática e normal,
Com seu tipo tão nobre e tão de sala,
Com seus gestos de neve e de metal.

Sem que nisso a desgoste ou desenfade,
Quantas vezes, seguindo-lhe as passadas,
Eu vejo-a, com real solenidade,
Ir impondo *toilettes* complicadas!...

Em si tudo me atrai como um tesoiro:
O seu ar pensativo e senhoril,
A sua voz que tem um timbre de oiro
E o seu nevado e lúcido perfil!

Ah! Como m'estonteia e me fascina...
E é, na graça distinta do seu porte,
Como a Moda supérflua e feminina,
E tão alta e serena como a Morte!...

Eu ontem encontrei-a, quando vinha,
Britânica, e fazendo-me assombrar;
Grande dama fatal, sempre sozinha,
E com firmeza e música no andar!

O seu olhar possui, num jogo ardente,
Um arcanjo e um demónio a iluminá-lo;
Como um florete, fere agudamente,
E afaga como o pelo dum regalo!

Pois bem. Conserve o gelo por esposo,
E mostre, se eu beijar-lhe as brancas mãos,
O modo diplomático e orgulhoso
Que Ana d'Áustria mostrava aos cortesãos.

E enfim prossiga altiva como a Fama,
Sem sorrisos, dramática, cortante;
Que eu procuro fundir na minha chama
Seu ermo coração, como a um brilhante.

Mas cuidado, milady, não se afoite,
Que hão-de acabar os bárbaros reais;
E os povos humilhados, pela noite,
Para a vingança aguçam os punhais.

E um dia, ó flor do Luxo, nas estradas,
Sob o cetim do azul e as andorinhas,
Eu hei de ver errar, alucinadas,
E arrastando farrapos — as rainhas!

A débil

Eu, que sou feio, sólido, leal,
A ti, que és bela, frágil, assustada,
Quero estimar-te, sempre, recatada
Numa existência honesta, de cristal.

Sentado à mesa d'um café devasso,
Ao avistar-te, há pouco, fraca e loura,
Nesta Babel tão velha e corruptora,
Tive tenções de oferecer-te o braço.

E, quando deste esmola a um miserável,
Eu, que bebia cálices de absinto,
Mandeir ir a garrafa, porque sinto
Que me tornas prestante, bom, saudável.

«Ela aí vem!» disse eu para os demais;
E pus-me a olhar, vexado e suspirando,
O teu corpo que pulsa, alegre e brando,
Na fresquidão dos linhos matinais.

Via-te pela porta envidraçada;
E invejava — talvez que o não suspeites! —
Esse vestido simples, sem enfeites,
Nessa cintura tenra, imaculada.

La passando, a quatro, o patriarca.
Triste, eu deixei o botequim, à pressa;
Uma turba ruidosa, negra, espessa,
Voltava das exéquias d'um monarca.

Adorável! Tu, muito natural,
Seguias a pensar no teu bordado;
Avultava, num largo arborizado,
Uma estátua de rei num pedestal.

Sorriam, nos seus trens, os titulares;
E ao claro sol, guardava-te, no entanto,
A tua boa mãe, que te ama tanto
Que não te morrerá sem te casares!

Soberbo dia! Impunha-me respeito
A limpidez do teu semblante grego;
E uma família, um ninho de sossego,
Desejava beijar sobre o teu peito.

Com elegância e sem ostentação,
Atravessavas branca, esbelta e fina,
Uma chusma de padres de batina,
E d'altos funcionários da nação.

«Mas se a atropela o povo turbulento!
Se fosse, por acaso, ali pisada!»
De repente paraste, embaraçada,
Ao pé d'um numeroso ajuntamento.

E eu, que urdia estes fáceis esbocetos,
Julguei ver, com a vista de poeta,
Uma pombinha tímida e quieta
Num bando ameaçador de corvos pretos.

E foi, então, que eu, homem varonil,
Quis dedicar-te a minha pobre vida,
A ti que és ténue, dócil, recolhida,
Eu, que sou hábil, prático, viril.

Lisboa, 1875

Humorismos de amor

I

Balzac é meu rival, minha senhora inglesa!
Eu quero-a porque odeio as carnações redondas;
Mas ele eternizou-lhe a singular beleza
E eu turbo-me ao deter seus olhos cor das ondas.

II

Admiro-a. A sua longa e plácida estatura
Expõe a majestade austera dos invernos;
Não cora no seu todo a tímida candura;
Dançam a paz dos céus e o assombro dos infernos.

III

Eu vejo-a caminhar, fleumática, irritante,
Numa das mãos franzindo um lenço de cambraia!...
Ninguém assim me prende, ó séria extravagante,
Quando arregança e ondula a preguiçosa saia —

IV

Hei de esperar, talvez, que o seu amor me acoite,
Mas nunca a fitarei d'uma maneira franca;
Traz o esplendor do Dia e a palidez da Noite,
E como o Sol, dourada, e como a Lua, branca!

V

Pudesse-me eu prostrar, num meditado impulso,
Ó gélida mulher, bizarramente estranha,
E trémulo depor os lábios no seu pulso,
Entre a macia luva e o punho de bretanha!...

VI

Cintila no seu rosto a lucidez das jóias.
Ao deparar consigo a fantasia pasma;
Pausadamente lembra o silvo das jibóias
E a marcha demorada e muda d'um fantasma.

VII

Metálica visão que Charles Baudelaire
Sonhou e pressentiu nos seus delírios mornos,
Permita que eu lhe adule a distinção que fere,
As curvas da magreza e o brilho dos adornos!

VIII

Desliza como um astro, um astro que declina;
Tão descansada e firme é que me desvaria,
E tem a lentidão d'uma corveta fina
Que nobremente vá num mar de calma.

IX

Não me imagine um doido. Eu vivo como um monge,
 No bosque das ficções, ó grande flor do norte!
 E ao persegui-la penso acompanhar de longe
 O sossegado espectro angélico da morte.

X

O seu vagar oculta uma elasticidade
 Que deve dar um gosto amargo e deleitoso,
 E a sua glacial impassibilidade
 Exalta o meu desejo e ataca o meu nervoso.

XI

Porém não arderei aos seus contactos frios,
 E não me enroscará nos serpentinos braços:
 Receio suportar febrões e calafrios;
 Adoro no seu corpo os movimentos lassos.

XII

E se uma vez me abrisse o colo transparente,
 E me osculasse, enfim, flexível e submissa,
 Eu julgaria ouvir alguém, soturnamente,
 Nas trevas, a cortar pedaços de cortiça!

Lisboa

Desastre

Ele ia numa maca, em ânsias, contrafeito,
Soltando fundos ais e trémulos queixumes:
Caíra d'um andaime e dera com o peito,
Pesada e secamente, em cima d'uns tapumes.

A brisa que balouça as árvores das praças,
Como uma mãe erguia ao leito os cortinados,
E dentro eu divisei o ungado das desgraças,
Trazendo em sangue negro os membros ensopados.

Um preto, que sustinha o peso d'um varal,
Chorava ao murmurar-lhe: «Homem não desfaleça!»
E um lenço esfarrapado em volta da cabeça,
Talvez lhe aumentasse a febre cerebral.

Flanavam pelo Aterro os dândys e as *cocottes*,
Corriam *char-à-bancs* cheios de passageiros
E ouviam-se canções e estalos de chicotes,
Junto à maré, no Tejo, e as pragas dos cocheiros.

Viam-se os quarteirões da Baixa: um bom poeta,
A rir e a conversar numa cervejaria,
Gritava para alguns: «Que cena tão faceta!
Reparem! Que episódio!» Ele já não gemia.

Findara honradamente. As lutas, afinal,
Deixavam repousar essa criança escrava,
E a gente da província, atónita, exclamava:
«Que providências! Deus! Lá vai para o hospital!»

Por onde o morto passa há grupos, murmurinhos,
Mornas essências vêm d'uma perfumaria,
E cheira a peixe frito um armazém de vinhos,
Numa travessa escura em que não entra o dia!

Um fidalgote brada a duas prostitutas:
«Que espantos! Um rapaz servente de pedreiro!»
Bisonhos, devagar, passeiam uns recrutas
E conta-se o que foi na loja d'um barbeiro.

Era enjeitado, o pobre. E, para não morrer,
De bagas de suor tinha uma vida cheia;
Levava a um quarto andar coches de cal e areia,
Não conhecera os pais, nem aprendera a ler.

Depois da sesta, um pouco entontecido e fraco,
Sentira a exalação da tarde abafadiça;
Quebravam-lhe o corpinho o fumo do tabaco
E o fato remendado e sujo da caliça.

Gastara o seu salário — oito vinténs ou menos —,
Ao longe o mar, que abismo! e o sol, que labareda!
«Os vultos, lá em baixo, oh! como são pequenos!»
E estremeceu, rolou nas atrações da queda.

O mísero a doença, as privações cruéis
Soubera repelir — ataques desumanos!
Chamavam-lhe garoto! E apenas com seis anos
Andara a apregoar diários de dez réis.

Anoitecia então. O féretro sinistro
Cruzou com um *coupé* seguido dum correio,
E um democrata disse: «Aonde irás, ministro!
Comprar um eleitor? Adormecer num seio?»

E eu tive uma suspeita. Aquele cavalheiro,
— Conservador, que esmaga o povo com impostos —,
Mandava arremessar — que gozo! estar solteiro! —
Os filhos naturais à roda dos expostos...

Mas não, não pode ser... Deite-se um grande véu...
De resto, a dignidade e a corrupção... que sonhos!
Todos os figurões cortejam-no risonhos
E um padre que ali vai tirou-lhe o solidéu.

E o desgraçado? Ah! Ah! Foi para a vala imensa,
Na tumba, e sem o adeus dos rudes camaradas:
Isto porque o patrão negou-lhes a licença,
O inverno estava à porta e as obras atrasadas.

E antes, ao soletrar a narração do facto,
Vinda numa local hipócrita e ligeira,
Berrara ao empreiteiro, um tanto estupefacto:
«Morreu!? Pois não caísse! Alguma bebedeira!»

Lisboa

Nevroses

A Coelho de Carvalho

Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
Incrível! Já fumei três maços de cigarros
E agrado a pouca gente.

Dói-me a cabeça. Abafo uns desesperos mudos:
Tanta depravação nos usos, nos costumes!
Amo, insensatamente, os ácidos, os gumes
E os ângulos agudos.

Sentei-me à secretária. Ali defronte mora
Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;
Sofre de faltas de ar, morreram-lhe os parentes
E engoma para fora.

Pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas!
Tão lívida! O doutor deixou-a. Mortifica.
Lidando sempre! E deve a conta à botica!
Mal ganha para as sopas...

O obstáculo ou depura ou torna-nos perversos;
Agora sinto-me eu cheio de raivas frias,
Por causa d'um jornal me rejeitar, há dias,
Um folhetim de versos.

Que mau humor! Rasguei uma epopeia morta
No fundo da gaveta. O que produz o estudo?
Mais d'uma redação, das que elogiam tudo,
Me tem fechado a porta.

A crítica segundo o método de Taine
Ignoram-na. Juntei numa fogueira imensa
Muitíssimos papéis inéditos. A imprensa
Vale um desdém solene.

Com raras exceções, merece-me o epigrama.
Deu meia-noite, e em paz pela calçada abaixo,
Soluça um sol-e-dó. Chuvisca. O populacho
Diverte-se na lama.

Eu nunca dediquei composições nenhuma,
Senão, por deferência, a amigos ou a artistas.
Independente! Só por isso os jornalistas
Me negam as colunas.

Receiam que o assinante ingénuo os abandone,
Se forem publicar tais coisas, tais autores.
Arte? Não lhes convém, visto que os seus leitores
Deliram por Zaccone.

Um prosador, aqui, desfruta fama honrosa,
Obtém dinheiro, arranja a sua *coterie*;
E a mim, não há questão que mais me contrarie
Do que escrever em prosa.

A adulação repugna aos sentimentos finos;
Eu raramente falo aos nossos literatos,
E apuro-me em lançar originais e exatos,
Os meus alexandrinos...

E a tísica? Fechada, e com o ferro aceso!
Ignora que a asfixia a combustão das brasas,
Não foge do estendal que lhe humedece as casas,
E fina-se ao desprezo!

Nem pão no armário, ó Deus! Chama por ela a cova.
Esvai-se; e todavia, à tarde, fracamente,
Ouço-a cantarolar uma canção plangente
D'uma opereta nova!

Perfeitamente. Vou findar sem azedume.
Quem sabe se depois, eu rico e noutros climas,
Conseguirei reler essas antigas rimas,
Impressas em volume?

Nas letras eu conheço um campo de manobras;
Emprega-se a *réclame*, a intriga, o anúncio, a *blague*,
E esta poesia pede um editor que pague
Todas as minhas obras...

E estou melhor; passou-me a cólera. E a vizinha?
A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia?
Vejo-lhe luz no quarto. Inda trabalha. É feia...
Que vida! Coitadinha!

Num bairro moderno

A Manuel Ribeiro

Dez horas da manhã; os transparentes
Matizam uma casa apalaçada;
Pelos jardins estancam-se as nascentes,
E fere a vista, com brancuras quentes,
A larga rua macadamizada.

Rez-de-chaussée repousam sossegados,
Abriram-se, nalguns, as persianas,
E d'um ou d'outro, em quartos estucados,
Ou entre a rama dos papéis pintados,
Reluzem, num almoço, as porcelanas.

Como é saudável ter o seu conchego,
E a sua vida fácil! Eu descia,
Sem muita pressa, para o meu emprego,
Aonde agora quase sempre chego
Com as tonturas d'uma apoplexia.

E rota, pequenina, azafamada,
Notei de costas uma rapariga,
Que no xadrez marmóreo d'uma escada,
Como um retalho de horta aglomerada,
Pousara, ajoelhando, a sua giga.

E eu, apesar do sol, examinei-a:
Pôs-se de pé; ressoam-lhe os tamancos;
E abre-se-lhe o algodão azul da meia,
Se ela se curva, esgadelhada, feia,
E pendurando os seus bracinhos brancos.

Do patamar responde-lhe um criado:
«Se te convém, despacha; não converses.
Eu não dou mais.» E muito descansado,
Atira um cobre ignóbil, oxidado,
Que vem bater nas faces d'uns alperces.

Subitamente, — que visão de artista! —
Se eu transformasse os simples vegetais,
À luz do sol, o intenso colorista,
Num ser humano que se mova e exista
Cheio de belas proporções carnis?!
Toca, frenética, de vez em quando.

Boiam aromas, fumos de cozinha;
Com o cabaz às costas, e vergando,
Sobem padeiros, claros de farinha;
E às portas, uma ou outra campainha
Toca, frenética, de vez em quando.

E eu recompunha, por anatomia,
Um novo corpo orgânico, aos bocados.
Achava os tons e as formas. Descobria
Uma cabeça numa melancia,
E nuns repolhos seios injetados.

As azeitonas, que nos dão o azeite,
Negras e unidas, entre verdes folhos,
São tranças d'um cabelo que se ajeite;
E os nabos — ossos nus, da cor do leite,
E os cachos d'uvas — os rosários d'olhos.

Há colos, ombros, bocas, um semblante
Nas posições de certos frutos. E entre
As hortaliças, túmido, fragrante,
Como d'alguém que tudo aquilo jante,
Surge um melão, que me lembrou um ventre.

E, como um feto, enfim, que se dilate,
Vi nos legumes carnes tentadoras,
Sangue na ginja vívida, escarlate,
Bons corações pulsando no tomate
E dedos hirtos, rubros, nas cenouras.

O sol dourava o céu. E a regateira,
Como vendera a sua fresca alface
E dera o ramo de hortelã que cheira,
Voltando-se, gritou-me, prazenteira:
«Não passa mais ninguém!... Se me ajudasse?!...»

Eu acerquei-me d'ela, sem desprezo;
E, pelas duas asas a quebrar,
Nós levantámos todo aquele peso
Que ao chão de pedra resistia preso,
Com um enorme esforço muscular.

«Muito obrigada! Deus lhe dê saúde!»
E recebi, naquela despedida,
As forças, a alegria, a plenitude,
Que brotam d'um excesso de virtude
Ou d'uma digestão desconhecida.

E enquanto sigo para o lado oposto,
E ao longe rodam umas carruagens,
A pobre afasta-se, ao calor de agosto,
Descolorida nas maçãs do rosto,
E sem quadris na saia de ramagens.

Um pequerrucho rega a trepadeira
D'uma janela azul; e, com o ralo
Do regador, parece que joeira
Ou que borrifa estrelas; e a poeira
Que eleva nuvens alvas a incensá-lo.

Chegam do gigo emanações sadias,
Oiço um canário — que infantil chilrada! —
Lidam *ménages* entre as gelosias,
E o sol estende, pelas frontarias,
Seus raios de laranja destilada.

E pitoresca e audaz, na sua chita,
O peito erguido, os pulsos nas ilhargas,
D'uma desgraça alegre que me incita,
Ela apregoa, magra, enfezadita,
As suas couves repolhudas, largas.

E, como as grossas pernas d'um gigante,
Sem tronco, mas atléticas, inteiras,
Carregam sobre a pobre caminhante,
Sobre a verdura rústica, abundante,
Duas frugais abóboras carneiras.

Lisboa, verão de 1877

Manhãs brumosas

(Versos dum inglês)

Aquela, cujo amor me causa tanta pena,
Põe o chapéu ao lado, abre o cabelo à banda,
E com a forte voz cantada com que ordena,
Lembra-me, de manhã, quando nas praias anda,
Por entre o campo e o mar, bucólica, morena,
Uma pastora audaz da religiosa Irlanda.

Que línguas fala? A ouvir-lhe as inflexões inglesas, —
Na névoa azul, a caça, as pescas, os rebanhos! —
Sigo-lhe os altos pés por estas asperezas;
E o meu desejo nada em época de banhos,
E, ave de arribação, ele enche de surpresas
Seus olhos de perdiz, redondos e castanhos.

As irlandesas têm soberbos desmazelos!
Ela descobre assim, com lentidões ufanas,
Alta, escorrida, abstrata, os grossos tornozelos;
E como aquelas são marítimas, serranas,
Sugere-me o naufrágio, as músicas, os gelos
E as redes, a manteiga, os queijos, as choupanas.

Parece um «rural boy»! Sem brincos nas orelhas,
Traz um vestido claro a comprimir-lhe os flancos,
Botões a tiracolo e aplicações vermelhas;
E à roda, num país de prados e barrancos,
Se as minhas mágoas vão, mansíssimas ovelhas,
Correm os seus desdéns, como vitelos brancos.

E aquela, cujo amor me causa tanta pena,
Põe o chapéu ao lado, abre o cabelo à banda,
E com a forte voz cantada com que ordena,
Lembra-me, de manhã, quando nas praias anda,
Por entre o campo e o mar, católica, morena,
Uma pastora audaz da religiosa Irlanda.

Foz do Tejo, 1877

Sardenta

Tu nesse corpo completo,
Ó láctea virgem doirada!
Tens o linfático aspeto
Duma camélia melada.

Merina

Rosto comprido, airoso, angelical, macia,
Por vezes, a alemã que eu sigo e que me agrada,
Mais alva que o luar de inverno que me esfria,
Nas ruas a que o gás dá noites de balada;

Sob os abafos bons que o norte escolheria,
Com seu passinho curto e em suas lãs forrada,
Recorda-me a elegância, a graça, a galhardia
De uma ovelhinha branca, ingénua e delicada.

Em petiz

I

De tarde

Mais morta do que viva, a minha companheira,
Nem força teve em si para soltar um grito;
E eu nesse tempo um destro e bravo rapazito,
Como um homenzarrão servi-lhe de barreira!

Em meio de arvoredos, azenhas e ruínas,
Pulavam para a fonte as bezerrinhas brancas;
E tetas a abanar, as mães, de largas ancas,
Desciam mais atrás, malhadas e turinas.

Do seio do lugar — casitas com postigos —
Vem-nos o leite. Mas batizam-no primeiro.
Leva-o, de madrugada, em bilhas, o leiteiro,
Cujo pregão vos tira o vosso sono, amigos!

Nós dávamos, os dois, um giro pelo vale:
Várzeas, povoações, pegos, silêncios vastos!
E os fartos animais, ao recolher dos pastos,
Roçavam pelo teu «costume de percale».

Já não receias tu essa vaquita preta,
 Que eu segurei, prenda por um chavelho? Juro
 Que estavas a tremer, cosida com o muro,
 Ombros em pé, medrosa, e fina, de luneta!

II

Os irmãozinhos

Pois eu, que no deserto dos caminhos,
 Por ti me expunha imenso contra as vacas;
 Eu, que apartava as mansas das velhacas,
 Fugia com terror dos pobrezinhos!

Vejo-os no pátio, ainda! Ainda os ouço!
 Os velhos que nos rezam padre-nossos;
 Os mandriões que rosnam, altos, grossos;
 E os cegos que se apoiam sobre o moço.

Ah! Os ceguinhos com a cor dos barros,
 Ou que a poeira no suor mascarra,
 Chegam das feiras a tocar guitarra,
 Rolam os olhos como dois escarros!

E os pobres metem medo! Os de marmita,
 Para forrar, por ano, alguns patacos,
 Entrapam-se nas mantas com buracos,
 Choramingando, a voz rachada, aflita.

Outros pedincham pelas cinco chagas;
 E no poial, tirando as ligaduras,
 Mostram as pernas pútridas, maduras,
 Com que se arrastam pelas azinhagas!

Querem viver! E picam-se nos cardos;
Correm as vilas; sobem os outeiros;
E às horas de calor, nos esterqueiros,
De roda deles zumbem os moscardos.

Aos sábados, os monstros que eu lamento,
Batiam ao portão com seus cajados;
E um aleijado com os pés quadrados,
Pedia-nos de cima de um jumento.

O resmungão! Que barbas! Que sacolas!
Cheirava a migas, a bafio, a arrotos;
Dormia as noites por telheiros rotos,
E sustentava o burro a pão d'êsmolas.

Ó minha loura e doce como um bolo!
Afável hóspeda na nossa casa,
Logo que a tórrida cidade abrasa,
Como um enorme forno de tijolo!

Tu visitavas, esmoler, garrida,
Um casal num casal queimado;
E eu, pela estrada, espicaçava o gado,
Numa atitude esperta e decidida.

Por lobisomens, por papões, por bruxas,
Nunca sofremos o menor receio.
Temíeis vós, porém, o meu anseio,
Mendigazitas sórdidas, gorduchas!

Vícios, sezões, epidemias, furtos,
Decerto, fermentavam entre lixos;
Que podridão cobria aqueles bichos!
E que luar os teus fatinhos curtos!

Sei de uma pobre, apenas, sem desleixos,
Ruça, descalça, a trote nos atalhos,
E que lavava o corpo e os seus retalhos
No rio, ao pé dos choupos e dos freixos.

E a douda a quem chamavam a «Ratada»
E que falava só! Que antipatia!
E se com ela a malta contendia,
Quanta indecência! Quanta palavrada!

Uns operários, nestes descampados,
Também surdiam, de chapéu de coco,
Dizendo-se, de olhar rebelde e louco,
Artistas despedidos, desgraçados.

Muitos! E um bêbedo — o Camões — que fora
Rico, e morreu a mendigar, zarolho,
Com uma pala verde sobre um olho!
Tivera ovelhas, bois, mulher, lavoura.

E o resto? Bandos de selvagenzinhos:
Um nu que se gabava de maroto;
Um, que cortada a mão, coçava o coto,
E os bons que nos tratavam por padrinhos.

Pediam fatos, botas, cobertores!
Outro jogava bem o pau, e vinha
Chorar, humilde, junto da cozinha:
«Cinco-réizinhos!... Nobres benfeitores!...»

E quando alguns ficavam nos palheiros,
E de manhã catavam os piolhos;
Enquanto o sol batia nos restolhos
E os nossos cães ladravam, rezingueiros!

Hoje entristeço. Lembro-me dos coxos,
Dos surdos, dos manhosos, dos manetas.
Socavam as calçadas, as muletas;
Cantavam, no pomar, os pintarroxos!

III HISTÓRIAS

Cismático, doente, azedo, apoquentado,
Eu agourava o crime, as facas, a enxovia,
Assim que um besuntão dos tais se apercebia
Da minha blusa azul e branca de riscado.

Mináveis-me, ao serão, a cabecita loira,
Com contos de província, ingénuas criaditas:
Quadrilhas assaltando as quintas mais bonitas,
E pondo a gente fina, em postas, de salmoira!

Na noite velha, a mim, como tições ardendo,
Fitavam-me os olhões pesados das ciganas;
Deitavam-nos o fogo aos prédios e arribanas;
Cercava-me um incêndio ensanguentado, horrendo.

E eu que era um cavalão, eu que fazia pinos,
Eu que jogava a pedra, eu que corria tanto,
Sonhava que os ladrões — homens de quem m'espanto —
Roubavam para azeite a carne dos meninos!

E protegia-te eu, naquele outono brando,
Mal tu sentias, entre as serras esmoitadas,
Gritos de maiorais, mugidos de boiadas,
Branca de susto, meiga e míope, estacando!

Linda-a-Pastora, 1878

Cristalizações

A Bettencourt Rodrigues, meu amigo

Faz frio. Mas, depois d'uns dias de aguaceiros,
Vibra uma imensa claridade crua.
De cócoras, em linha, os calceteiros,
Com lenticão, terrosos e grosseiros,
Calçam de lado a lado a longa rua.

Como as elevações secaram do relento,
E o descoberto sol abafa e cria!
A frialdade exige o movimento;
E as poças d'água, como um chão vidrento,
Refletem a molhada casaria.

Em pé e perna, dando aos rins que a marcha agita,
Disseminadas, gritam as peixeiras;
Luzem, aquecem na manhã bonita,
Uns barracões de gente pobrezita,
E uns quintalórios velhos, com parreiras.

Não se ouvem aves; nem o choro d'uma nora!
Tomam por outra parte os viandantes;
E o ferro e a pedra — que união sonora! —
Retinem alto pelo espaço fora,
Com choques rijos, ásperos, cantantes.

Bom tempo. E os rapagões, morosos, duros, baços,
Cuja coluna nunca se endireita,
Partem penedos. Voam-lhe estilhaços.
Pesam enormemente os grossos maços,
Com que outros batem a calçada feita.

A sua barba agreste! A lâ dos seus barretes!
Que espessos forros! Numa das regueiras
Acamam-se as japonas, os coletes;
E eles descalçam com os picaretas,
Que ferem lume sobre pederneiras.

E nesse rude mês, que não consente as flores,
Fundeam, como esquadra em fria paz,
As árvores despidas. Sóbrias cores!
Mastros, enxárcias, vergas! Valadores
Atiram terra com as largas pás.

Eu julgo-me no Norte, ao frio — o grande agente! —
Carros de mão, que cham carregados,
Conduzem saibro, vagarosamente;
Vê-se a cidade, mercantil, contente:
Madeiras, águas, multidões, telhados!

Negrejam os quintais; enxuga a alvenaria;
Em arco, sem as nuvens flutuantes,
O céu renova a tinta corredia;
E os charcos brilham tanto que eu diria
Ter ante mim lagoas de brilhantes!

E engellem muito embora, os fracos, os tolhidos,
Eu tudo encontro alegremente exato.
Lavo, refresco, limpo os meus sentidos,
E tangem-me, excitados, sacudidos,
O tato, a vista, o ouvido, o gosto, o olfato!

Pede-me o corpo inteiro esforços na friagem
De tão lavada e igual temperatura!
Os ares, o caminho, a luz reagem;
Cheira-me a fogo, a sílex, a ferragem;
Sabe-me a campo, a lenha, a agricultura.

Mal encarado e negro, um para enquanto eu passo;
Dois assobiam, altas as marretas
Possantes, grossas, temperadas d' aço;
E um gordo, o mestre, com um ar ralasso
E manso, tira o nível das valetas.

Homens de carga! Assim as bestas vão curvadas!
Que vida tão custosa! Que diabo!
E os cavadores descansam as enxadas,
E cospem nas calosas mãos gretadas,
Para que não lhes escorregue o cabo.

Povo! No pano cru rasgado das camisas
Uma bandeira penso que transluz!
Com ela sofres, bebes, agonizas:
Listrões de vinho lançam-lhe divisas,
E os suspensórios traçam-lhe uma cruz!

D'escuro, bruscamente, ao cimo da barroca,
Surge um perfil direito que se aguça;
E ar matinal de quem saiu da toca,
Uma figura fina, desemboca,
Toda abafada num casaco à russa.

D'onde ela vem! A atriz que eu tanto cumprimento;
E a quem, à noite, na plateia, atraio
Os olhos lisos como polimento!
Com seu rostinho estreito, friorento,
Caminha agora para o seu ensaio.

E aos outros eu admiro os dorsos, os costados
Como lajões. Os bons trabalhadores!
Os filhos das lezírias, dos montados:
Os das planícies, altos, aprumados;
Os das montanhas, baixos, trepadores!

Mas fina de feições, o queixo hostil, distinto,
Furtiva a tiritar em suas peles,
Espanta-me a atrizita que hoje pinto,
Neste dezembro enérgico, sucinto,
E nestes sítios suburbanos, reles!

Como animais comuns, que uma picada es quente,
Eles, bovinos, másculos, ossudos,
Encaram-na sanguínea, bruta mente;
E ela vacila, hesita, impaciente
Sobre as botinas de tacões agudos.

Porém, desempenhando o seu papel na peça,
Sem que inda o público a passagem abra,
O demonico arrisca-se, atravessa
Covas, entulhos, lamaçais, depressa,
Com seus pezinhos rápidos, de cabra!

Lisboa, inverno de 1878

Num álbum

I

És uma tentadora: o teu olhar amável
Contém perfeitamente um poço de maldade,
E o colo que te ondula, o colo inexorável
Não sabe o que é paixão, e ignora o que é vaidade.

II

Quando me julgas preso a eróticas cadeias
Radia-te na frente o céu das alvoradas,
E quando choro então é quando garganteias
As óperas de Verdi e as árias estimadas.

III

Mas eu hei de afinal seguir-te a toda a parte,
E um dia quando eu for a sombra dos teus passos,
Tantos crimes terás, que eu hei de processar-te,
E enfim hás de morrer na forca dos meus braços.

Lisboa

Noitada

Lembras-te tu do sábado passado,
Do passeio que demos, devagar,
Entre um saudoso gás amarelado
E as carícias leitosas do luar?

Eu lembro bem as altas ruazinhas,
Que, ambos nós percorremos, de mãos dadas:
Às janelas pairavam as vizinhas;
Tinham lívidas luzes as fachadas.

Não me esqueço das cousas que disseste,
Ante um pesado templo com recortes;
E os cemitérios ricos, e o cipreste
Que vive de gorduras e de mortes!

Nós saíramos próximo ao sol-posto,
Mas seguíamos cheios de demoras;
Não me esqueceu ainda o meu desgosto
Nem o sino rachado que deu horas.

Tenho ainda gravado no sentido,
Porque tu caminhavas com prazer,
Cara rapada, gordo e presumido,
O padre que parou para te ver.

Como uma mitra a cúpula da igreja
Cobria parte do ventoso largo;
E essa boca viçosa de cereja,
Torcia risos com sabor amargo.

A lua dava trémulas brancuras,
Eu ia cada vez mais magoado;
Vi um jardim com árvores escuras,
Como uma jaula todo gradeado!

E para te seguir entrei contigo
Num pátio velho que era d'um canteiro,
E onde, talvez, se faça inda o jazigo
Em que eu irei apodrecer primeiro!

Eu sinto ainda a flor da tua pele,
Tua luva, teu véu, o que tu és!
Não sei que tentação é que te impele
Os pequeninos e cansados pés.

Sei que em tudo atentavas, tudo vias!
Eu por mim tinha pena dos marçanos,
Como ratos, nas gordas mercearias,
Encafurnados por imensos anos!

Tu sorrias de tudo: os carvoeiros
Que aparecem ao fundo d'essas ruínas,
E à crua luz os pálidos barbeiros
Com óleos e maneiras femininas!

Fins de semana! Que miséria em bando!
O povo folga, estúpido e grisalho!
E os artistas d'ofício iam passando,
Com as férias, ralados do trabalho.

O quadro interior, d'um que à candeia,
Ensina a filha a ler, meteu-me dó!
Gosto mais do plebeu que cambaleia,
Do bêbado feliz que fala só!

De súbito, na volta de uma esquina,
Sob um bico de gás que abria em leque,
Vimos um militar, de barretina
E dourados galões de pechisbeque.

E enquanto ele falava ao seu namoro,
Que morava num prédio de azulejo,
Nos nossos lábios retiniu em coro
Um vigoroso e estrepitoso beijo!

E assim ao meu capricho abandonada,
Errámos por travessas, por vielas,
E passámos por pé d'uma tapada
E um palácio real com sentinelas.

E eu que busco a moderna e fina arte,
Sobre a umbrosa calçada sepulcral,
Tive a rude intenção de violentar-te
Imbecilmente como um animal!

Mas ao rumor dos ramos e d'aragem,
Como longínquos bosques muito ermos,
Tu querias no meio da folhagem
Um ninho enorme para nós vivermos.

E ao passo que eu te ouvia abstratamente,
 Ó grande pomba tépida que arrulha,
 Vinham batendo o *macadam* fremente,
 As patadas sonoras da patrulha.

E através a imortal cidadezinha,
 Nós fomos ter às portas, às barreiras,
 Em que uma negra multidão se apinha
 De tecelões, de fumos, de caldeiras.

Mas a noite dormente e esbranquiçada
 Era uma esteira lúcida d'amor;
 Ó jovial senhora perfumada,
 Ó terrível criança! Que esplendor!

E ali começaria o meu desterro!...
 Lodoso o rio, e glacial, corria;
 Sentámo-nos, os dois, num novo aterro
 Na muralha dos cais de cantaria.

Nunca mais amarei já que não amas,
 E é preciso, decerto, que me deixes!
 Toda a maré luzia como escamas,
 Como alguidar de prateados peixes.

E como é necessário que eu me afoite
 A perder-me de ti por quem existo,
 Eu fui passar ao campo aquela noite
 E andei léguas a pé pensando nisto.

E tu que não serás somente minha,
 Às carícias leitosas do luar,
 Recolheste-te, pálida e sozinha
 À gaiola do teu terceiro andar!

O sentimento dum ocidental

I

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoo-nos, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se d'uma cor monótona e londrina.

Batem os carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista, exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emadeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro, enferruscados, secos;
Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,
Ou erro pelos cais a que se atacam botes.

E evoco, então, as crónicas navais:
Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!
Luta Camões no Sul, salvando um livro, a nado!
Singram soberbas naus que eu não verei jamais!

E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!
De um couraçado inglês vogam os escaleres;
E em terra num tinir de louças e talheres
Flamejam, ao jantar, alguns hotéis da moda.

Num trem de praça arengam dois dentistas;
Um trôpego arlequim braceja numas andas;
Os querubins do lar flutuam nas varandas;
Às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!

Vazam-se os arsenais e as oficinas;
Reluz, viscoso, o rio; apressam-se as obreiras;
E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão,
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe podre gera os focos de infeção!

II

Toca-se as grades, nas cadeias. Som
Que mortifica e deixa umas loucuras mansas!
O aljube, em que hoje estão velhinhas e crianças,
Bem raramente encerra uma mulher de «dom»!

E eu desconfio, até, de um aneurisma
Tão mórbido me sinto, ao acender das luzes;
À vista das prisões, da velha sé, das cruzes,
Chora-me o coração que se enche e que se abisma.

A espaços, iluminam-se os andares,
E as tascas, os cafés, as tendas, os estancos
Alastram em lençol os seus reflexos brancos;
E a lua lembra o circo e os jogos malabares.

Duas igrejas, num saudoso largo,
Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:
Nelas esfumo um ermo inquisidor severo,
Assim que pela história eu me aventuro e alargo.

Na parte que abateu no terremoto,
Muram-se as construções retas, iguais, crescidas;
Afrontam-me, no resto, as íngremes subidas,
E os sinos de um tanger monástico e devoto.

Mas, num recinto público e vulgar,
Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras,
Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,
Um épico d'outrora ascende, num pilar!

E eu sonho o Cólera, imagino a Febre,
Nesta acumulação de corpos enfezados;
Sombrios e espectrais recolhem os soldados,
Inflama-se um palácio em face de um casebre.

Partem patrulhas de cavalaria
Dos arcos dos quartéis que foram já conventos;
Idade Média! A pé, outras, a passos lentos,
Derramam-se por toda a capital, que esfria.

Triste cidade! Eu temo que me avives
Uma paixão defunta! Aos lampiões distantes,
Enlutam-me, alvejando, as tuas elegantes
Curvadas a sorrir às montras dos ourives.

E mais: as costureiras, as floristas
Descem dos *magasins*, causam-me sobressaltos;
Custa-lhes a elevar os seus pescoços altos
E muitas delas são comparsas ou coristas.

E eu, de luneta de uma lente só,
Eu acho sempre assunto a quadros revoltados:
Entro na *brasserie*; às mesas de emigrados
Joga-se, alegremente e ao gás, o dominó!

III

E saio. A noite pesa, esmaga. Nos
Passeios de lajedo arrastam-se as impuras.
Ó moles hospitais! Sai das embocaduras
Um sopro que arrepia os ombros quase nus.

Cercam-me as lojas, tépidas. Eu penso
Ver círios laterais, ver filas de capelas,
Com santos e fiéis, andores, ramos, velas,
Em uma catedral de um comprimento imenso.

As burguesinhas do catolicismo
Resvalam pelo chão minado pelos canos;
E lembram-me, ao chorar doente dos pianos,
As freiras que os jejuns matavam de histerismo.

Num cuteleiro, de avental, ao torno,
Um forjador maneja um malho, rubramente;
E de uma padaria exala-se, inda quente,
Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.

E eu, que medito um livro que exacerbe,
Quisera que o real e a análise mo dessem:
Casas de confeções e modas resplandecem;
Pelas *vitrines* olha um ratoneiro imberbe.

Longas descidas! Não poder pintar
Com versos magistras, salubres e sinceros,
A esguia difusão dos vossos reverberos,
E a vossa palidez romântica e lunar!

Que grande cobra, a lúbrica pessoa,
Que espartilhada escolhe uns xales com debuxo!
Sua excelência atrai, magnética, entre o luxo,
Que ao longo dos balcões de mogno se amontoa.

E aquela velha, de bandós! Por vezes,
A sua *traine* imita um leque antigo, aberto,
Nas barras verticais, a duas tintas. Perto,
Escarvam, à vitória, os seus mecklemburgueses.

Desdobram-se tecidos estrangeiros;
Plantas ornamentais secam nos mostradores;
Flocos de pós de arroz pairam sufocadores,
E em nuvens de cetins requebram-se os caixeiros.

Mas tudo cansa! Apagam-se, nas frentes,
Os candelabros, como estrelas, pouco a pouco;
Da solidão regouga um cauteleiro rouco;
Tornam-se mausoléus as armações fulgentes.

«Dó da miséria!... Compaixão de mim!...»
E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,
Pede-nos sempre esmola um homenzinho idoso,
Meu velho professor nas aulas de latim!

IV

O teto fundo de oxigénio, d'ar,
Estende-se ao comprido, ao meio das trapeiras;
Vêm lágrimas de luz dos astros com olheiras,
Enleva-me a quimera azul de transmigrar.

Por baixo, que portões! Que arruamentos!
Um parafuso cai nas lajes, às escuras:
Colocam-se taipais, rangem as fechaduras,
E os olhos dum caleche espantam-me, sangrentos.

E eu sigo, como as linhas de uma pauta,
A dupla correnteza augusta das fachadas;
Pois sobem, no silêncio, infaustas e trinadas,
As notas pastoris de uma longínqua flauta.

Se eu não morresse, nunca! E eternamente
Buscasse e conseguisse a perfeição das cousas!
Esqueço-me a prever castíssimas esposas,
Que aninhem em mansões de vidro transparente!

Ó nossos filhos! Que de sonhos ágeis,
Pousando, vos trarão a nitidez às vidas!
Eu quero as vossas mães e irmãs estremecidas,
Numas habitações translúcidas e frágeis.

Ah! Como a raça ruiva do porvir,
E as frotas dos avós, e os nómadas ardentes,
Nós vamos explorar todos os continentes
E pelas vastidões aquáticas seguir!

Mas se vivemos, os emparedados,
Sem árvores, no vale escuro das muralhas!...
Julgo avistar, na treva, as folhas das navalhas
E os gritos de socorro ouvir, estrangulados.

E nestes nebulosos corredores
Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas;
Na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas,
Cantam, de braço dado, uns tristes bebedores.

Eu não receio, todavia, os roubos;
Afastam-se, à distância, os dúbios caminhantes;
E sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes,
Amareladamente, os cães parecem lobos.

E os guardas, que revistam as escadas,
Caminham de lanterna e servem de chaveiros;
Por cima, as imorais, nos seus roupões ligeiros,
Tossem, fumando sobre a pedra das sacadas.

E, enorme, nesta massa irregular
De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,
A dor humana busca os amplos horizontes,
E tem marés, de fel, como um sinistro mar!

Lisboa, 1880

De tarde

Naquele *pic-nic* de burguesas,
Houve uma cousa simplesmente bela,
E que, sem ter história nem grandezas,
Em todo o caso dava uma aguarela.

Foi quando tu, descendo do burrico,
Foste colher, sem imposturas tolas,
A um granzoal azul de grão-de-bico
Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima d'uns penhascos,
Nós acampámos, inda o sol se via;
E houve talhadas de melão, damascos,
E pão de ló molhado em malvasia.

Mas, todo púrpuro a sair da renda
Dos teus dois seios como duas rolas,
Era o supremo encanto da merenda
O ramalhete rubro das papoulas!

De verão

A Eduardo Coelho

I

No campo; eu acho nele a musa que me anima:
A claridade, a robustez, a ação.
Esta manhã, saí com minha prima,
Em quem eu noto a mais sincera estima
E a mais completa e séria educação.

II

Criança encantadora! Eu mal esboço o quadro
Da lírica excursão, d'intimidade.
Não pinto a velha ermida com seu adro;
Sei só desenho de compasso e esquadro,
Respiro indústria, paz, salubridade.

III

Andam cantando aos bois; vamos cortando as leiras;
E tu dizias: «Fumas? E as fagulhas?
Apaga o teu cachimbo junto às eiras;
Colhe-me uns brincos rubros nas ginjeiras!
Quanto me alegra a calma das debulhas!»

IV

E perguntavas sobre os últimos inventos
Agrícolas. Que aldeias tão lavadas!
Bons ares! Boa luz! Bons alimentos!
Olha: os saloios vivos, corpulentos,
Como nos fazem grandes barretadas!

V

Voltemos. Na ribeira abundam as ramagens
Dos olivais escuros. Onde irás?
Regressam os rebanhos das pastagens;
Ondeiavam milhos, nuvens e miragens,
E, silencioso, eu fico para trás.

VI

Numa colina azul brilha um lugar caiado.
Belo! E arrimada ao cabo da sombrinha,
Com teu chapéu de palha, desabado,
Tu continuas na azinhaga; ao lado
Verdeja, vicejante, a nossa vinha.

VII

Nisto, parando, como alguém que se analisa,
Sem desprender do chão teus olhos castos,
Tu começaste, harmónica, indecisa,
A arregaçar a chita, alegre e lisa
Da tua cauda um pouquinho a rastos.

VIII

Espreitam-te, por cima, as frestas dos celeiros;
O sol abrasa as terras já ceifadas,
E alvejam-te, na sombra dos pinheiros,
Sobre os teus pés decentes, verdadeiros,
As saias curtas, frescas, engomadas.

IX

E, como quem saltasse, extravagantemente,
Um rego d'água sem se enxovalhar,
Tu, a austera, a gentil, a inteligente,
Depois de bem composta, deste à frente
Uma pernada cómica, vulgar!

X

Exótica! E cheguei-me ao pé de ti. Que vejo!
No atalho enxuto, e branco das espigas
Caídas das carradas no salmejo,
Esguio e a negrejar em um cortejo,
Destaca-se um carreiro de formigas.

XI

Elas, em sociedade, espertas, diligentes,
Na natureza trémula de sede,
Arrastam bichos, uvas e sementes;
E atulham, por instinto, previdentes,
Seus antros quase ocultos na parede.

XII

E eu desatei a rir como qualquer macaco!
«Tu não as esmagares contra o solo!»
E ria-me, eu ocioso, inútil, fraco,
Eu de jasmim na casa do casaco
E d'óculo deitado a tiracolo!

XIII

«As ladras da colheita! Eu se trouxesse agora
Um sublimado corrosivo, uns pós
De solimão, eu, sem maior demora,
Envenená-las-ia! Tu, por ora,
Preferes o romântico ao feroz.

XIV

Que compaixão! Julgava até que matarias
Esses insetos importunos! Basta.
Merecem-te espantosas simpatias?
Eu felicito suas senhorias,
Que honraste com um pulo de ginasta!»

XV

E enfim calei-me. Os teus cabelos muito loiros
Luziam, com doçura, honestamente;
De longe o trigo em monte, e os calcadoiros,
Lembravam-me fusões d'imensos oiros,
E o mar um prado verde e florescente.

XVI

Vibravam, na campina, as chocas da manada;
 Vinham uns carros a gemer no outeiro,
 E finalmente, enérgica, zangada,
 Tu, inda assim bastante envergonhada,
 Volveste-me, apontando o formigueiro:

XVII

«Não me incomode, não, com ditos detestáveis!
 Não seja simplesmente um zombador!
 Estas mineiras negras, incansáveis,
 São mais economistas, mais notáveis,
 E mais trabalhadoras que o senhor!»

Nós

(a A. de S. V.)

I

Foi quando em dois verões seguidamente a Febre
E o Cólera também andaram na cidade,
Que esta população, com um terror de lebre,
Fugiu da capital como da tempestade.

Ora meu pai, depois das nossas vidas salvas,
(Até então nós só tivéramos sarampo)
Tanto nos viu crescer entre os montões das malvas
Que ele ganhou por isso um grande amor ao campo!

Se acaso o conta, ainda a fronte se lhe enruga:
O que se ouvia sempre era o dobrar dos sinos;
Mesmo no nosso prédio, os outros inquilinos
Morreram todos. Nós salvámo-nos na fuga.

Na parte mercantil, foco da epidemia,
Um pânico! Nem um navio entrava a barra,
A alfândega parou, nenhuma loja abria
E os turbulentos cais cessaram a algazarra.

Pela manhã, em vez dos trens dos batizados,
Rodavam sem cessar as segas dos enterros.
Que triste a sucessão dos armazéns fechados!
Como um domingo inglês na *city* que desterro!

Sem canalização em muitos burgos ermos,
Secavam dejeções cobertas de mosqueiros.
E os médicos ao pé dos padres e coveiros,
Os últimos fiéis, tremiam dos enfermos!

Uma iluminação a azeite de purgueira,
De noite amarelava os prédios macilentos.
Barricas d'alcatrão ardiam; de maneira
Que tinham tons d'inferno outros arruamentos.

Porém, lá fora, à solta, exageradamente,
Enquanto acontecia essa calamidade,
Toda a vegetação, pletórica, potente,
Ganhava imenso com a enorme mortandade!

Num ímpeto de seiva os arvoredos fartos,
Numa opulenta fúria as novidades todas,
Como uma universal celebração de bodas,
Amaram-se! E depois houve soberbos partos.

Por isso, o chefe antigo e bom da nossa casa
Triste d'ouvir falar em órfãos e em viúvas,
E em permanência olhando um horizonte em brasa,
Não quis voltar senão depois das grandes chuvas.

Ele, d'um lado, via os filhos achacados,
Um lívido flagelo e uma moléstia horrenda!
E via, do outro lado, eiras, lezírias, prados,
E um salutar refúgio e um lucro na vivenda!

E o campo, desde então, segundo o que me lembro,
É todo o meu amor de todos estes anos!
Nós vamos para lá; somos provincianos
Desde o calor de maio aos frios de novembro!

II

Que de fruta! E que fresca e temporã,
Nas duas boas quintas bem muradas,
Em que o sol, nos talhões e nas latadas,
Bate de chapa, logo de manhã!

O laranjal de folhas negrejantes,
(Porque os terrenos são resvaladiços)
Desce em socalcos todos os maciços,
Como uma escadaria de gigantes.

Das courelas, que criam cereais,
De que os donos — ainda! — pagam foros,
Dividem-no fechados pitosporos,
Abrigos de raízes verticais.

Ao meio, a casaria branca assenta
À beira da calçada, que divide
Os escuros pomares de pevide,
Da vinha, numa encosta soalhenta!

Entretanto não há maior prazer
Do que, na placidez das duas horas,
Ouvir e ver, entre o chiar das noras,
No largo tanque as bicas a correr!

Muito ao fundo, entre ulmeiros seculares,
Seca o rio! Em três meses d'estiagem,
O seu leito é um atalho de passagem,
Pedregosíssimo, entre dois lugares.

Como lhe luzem seixos e burgaus
Roliços! Marinham nas ladeiras
Os renques africanos das piteiras,
Que como aloés espigam altos paus!

Montanhas inda mais longinquamente,
Com restevas, com combros como bossas,
Lembram cabeças estupendas, grossas,
De cabelo grisalho, muito rente.

E, a contrastar, nos vales, em geral,
Como em vidraça d'uma enorme estufa,
Tudo se atrai, se impõe, alarga e entufa,
D'uma vitalidade equatorial!

Que de frugalidades nós criamos!
Que torrão espontâneo que nós somos!
Pela outonal maturação dos pomos,
Com a carga, no chão, pousam os ramos.

E assim postas, nos barros e areais,
As maceiras, vergadas fortemente,
Parecem, d'uma fauna surpreendente,
Os pólipos enormes, diluviais.

Contudo, nós não temos na fazenda
Nem uma planta só de mero ornato!
Cada pé mostra-se útil, é sensato,
Por mais finos aromas que rescenda!

Finalmente, na fértil depressão,
Nada se vê que a nossa mão não regre:
A florescência d'um matiz alegre
Mostra um sinal — a frutificação!

Ora, há dez anos, neste chão de lava
E argila e areia e aluviões dispersas,
Entre espécies botânicas diversas,
Forte, a nossa família radiava!

Unicamente, a minha doce irmã,
Como uma ténue e imaculada rosa,
Dava a nota galante e melindrosa
Na trabalhadeira rústica, aldeã.

E foi num ano pródigo, excelente,
Cuja amargura nada sei que adoce,
Que nós perdemos essa flor precoce,
Que cresceu e morreu rapidamente!

Ai d'aqueles que nascem neste caos,
E, sendo fracos, sejam generosos!
As doenças assaltam os bondosos
E — custa a crer — deixam viver os maus!

Fecho os olhos cansados, e descrevo
Das telas da memória retocadas,
Biscates, hortas, batatais, latadas,
No país montanhoso, com relevo!

Ah! Que aspetos benignos e rurais
Nesta localidade tudo tinha,
Ao ires, com o banco de palhinha,
Para a sombra que faz nos parreirais!

Ah! Quando a calma, à sesta, nem consente
Que uma folha se mova ou se desmanche,
Tu refeita e feliz com o teu *lunch*,
Nos ajudavas, voluntariamente!...

Era admirável — neste grau do Sul! —
Entre a rama avistar teu rosto alvo,
Ver-te escolhendo a uva diagalvo,
Que eu embarcava para Liverpool.

A exportação de frutas era um jogo:
Dependiam da sorte do mercado
O boal, que é de pérolas formado
E o ferral, que é ardente e cor de fogo!

Em agosto, ao calor canicular,
Os pássaros e enxames tudo infestam;
Tu cortavas os bagos que não prestam
Com a tua tesoura de bordar.

Douradas, pequeninas, as abelhas
E negros, volumosos os besoiros
Circundavam, com ímpetos de toiros,
As tuas candidíssimas orelhas.

Se uma vespa lançava o seu ferrão
Na tua cútis — pétala de leite! —
Nós colocávamos dez réis e azeite
Sobre a galante, a rósea inflamação!

E se um de nós, já farto, arrenegado,
Com o chapéu caçava a bicharia,
Cada zângão voando, à luz do dia,
Lembrava o teu dedal arremessado.

Que d'encantos! Na força do calor
Desabrochavas no padrão da bata,
E surgindo da gola e da gravata,
Teu pescoço era o caule d'uma flor!

Mas que cegueira a minha! Do teu porte
A fina curva, a indefinida linha,
Com bondades d'herbívora mansinha,
Eram prenúncios de fraqueza e morte!

À procura da libra e do *shilling*,
Eu andava abstrato e sem que visse
Que o teu alvor romântico de miss,
Te obrigava a morrer antes de mim!

E antes tu, ser lindíssimo, nas faces
Tivesses «pano» como as camponesas;
E sem brancuras, sem delicadezas,
Vigorosa e plebeia, inda durasses!

Uns modos de carnívora feroz
Podias ter em vez de inofensivos;
Tinhas caninos, tinhas incisivos,
E podias ser rude como nós!

Pois neste sítio, que era de sequeiro,
Todo o género ardente resistia,
E à larguíssima luz do Meio-Dia,
Tomava um tom opálico e trigueiro.

Sim! Europa do Norte, o que supões
Dos vergéis que abastecem teus banquetes,
Quando às docas, com frutas, os paquetes
Chegam antes das tuas estações?!

Oh! Os ricos *primeurs* da nossa terra
E as tuas frutas ácidas, tardias,
No azedo amoniacal das queijarias
Dos fleumáticos *farmers* d'Inglaterra!...

Ó cidades fabris, industriais,
De nevoeiros, poeiradas de hulha,
Que pensais do país que vos atulha
Com a fruta que sai de seus quintais?

Todos os anos, que frescor se exala!
Abundâncias felizes que eu recordo!
Carradas brutas que iam para bordo!
Vapores por aqui fazendo escala!

Uma alta parreira moscatel
Por doce não servia para embarque!
Palácios que rodeiam Hyde-Park,
Não conheceis esse divino mel!

Pois a Coroa, o Banco, o Almirantado,
Não as têm nas florestas em que há corças,
Nem em vós que dobrais as vossas forças,
Pradarias d'um verde ilimitado!

Anglos-Saxónios, tendes que invejar!
Ricos suicidas, comparai convosco!
Aqui tudo espontâneo, alegre, tosco,
Facílmo, evidente, salutar!

Oponde às regiões que dão os vinhos
Vossos montes d'escórias inda quentes!
E as febris oficinas estridentes
As nossas tecelagens e moinhos!

E ó condados mineiros! Extensões
Carboníferas! Fundas galerias!
Fábricas a vapor! Cutelarias!
E mecânicas, tristes fiações!

Bem sei que preparais corretamente
O aço e a seda, as lâminas e o estofo:
Tudo o que há de mais dúctil, de mais fofo,
Tudo o que há de mais rijo e resistente!

Mas isso tudo é falso, é maquinal,
Sem vida, como um círculo ou um quadrado,
Com essa perfeição do fabricado,
Sem o ritmo do vivo e do real!

E cá o santo sol, sobre isto tudo,
Faz conceber as verdes ribanceiras;
Lança as rosáceas belas e fruteiras
Nas searas de trigo palhagudo!

Uma aldeia d'aqui é mais feliz,
Londres sombria em que cintila a corte!...
Mesmo que tu, que vives a compor-te,
Grande seio arquejante de Paris!...

Ah! Que de glória, que de colorido,
Quando por meu mandado e meu conselho,
Cá se empapelam «as maçãs d'espelho»
Que Herbert Spencer talvez tenha comido.

Para alguns são prosaicos, são banais
Estes versos de fibra suculenta;
Como se a polpa que nos dessedenta
Nem ao menos valesse uns madrigais!

Pois o que a boca trava com surpresas
Senão as frutas tónicas e puras!
Ah! Num jantar de carnes e gorduras
A graça vegetal das sobremesas!...

Jack, marujo inglês, tu tens razão
Quando, ancorando em portos como os nossos,
As laranjas com cascas e caroços
Comes com bestial sofreguidão!...

A impressão d'outros tempos, sempre viva,
Dá estremeções no meu passado morto,
E inda viajo, muita vez, absorto,
Pelas várzeas da minha retentiva.

Então recordo a paz familiar,
Todo um painel pacífico d'enganos!
E a distância fatal d'uns poucos d'anos
É uma lente convexa, d'aumentar.

Todos os tipos mortos ressuscito!
Perpetuam-se assim alguns minutos!
E eu exagero os casos diminutos
Dentro d'um véu de lágrimas bendito.

Pinto quadros por letras, por sinais,
Tão luminosos como os de Levante,
Nas horas em que a calma é mais queimante,
Na quadra em que o verão aperta mais.

Como destacam, vivas, certas cores
Na vida externa cheia d'alegrias!
Horas, vozes, locais, fisionomias,
As ferramentas, os trabalhadores!

Aspiro um cheiro a cozedura, e a lar
E a rama de pinheiro! Eu adivinho
O resinoso, o tão agreste pinho
Serrado nos pinhais da beira-mar.

Vinha cortada, aos feixes, a madeira,
Cheia de nós, d'imperfeições, de rachas,
Depois armavam-se, num pronto, as caixas
Sob uma calma espessa e calaceira!

Feias e fortes! Punham-lhes papel
A forrá-las. E em grossa serradura
Acamava-se a uva prematura
Que não deve servir para tonel!

Cingiam-nas com arcos de castanho
Nas ribeiras cortados, nos riachos;
E eram d'açúcar e calor os cachos,
Criados pelo esterco e pelo amanho!

Ó pobre estrume, como tu compões
Estes pâmpanos doces como afagos!
«Dedos-de-dama»: transparentes bagos!
«Tetas-de-cabra»: lácteas carnações!

E não eram caixitas bem dispostas
Como as passas de Málaga e Alicante;
Com sua forma estável, ignorante,
Estas pesavam, brutalmente, às costas!

Nos vinhatórios via fulgurar,
Com tanta cal que torna as vistas cegas,
Os paralelogramos das adegas,
Que têm lá dentro as dornas e o lagar!

Que rudeza! Ao ar livre dos estios,
Que grande azáfama! Apressadamente
Como soava um martelar frequente,
Véspera da saída dos navios!

Ah! Ninguém entender que ao meu olhar
Tudo tem certo espírito secreto!
Com folhas de saudades um objeto
Deita raízes duras de arrancar!

As navalhas de volta, por exemplo,
Cujos bicos de pássaro se arqueia,
Forjadas no casebre d'uma aldeia,
São antigas amigas que eu contemplo!

Elas, em seu labor, em seu lidar,
Com sua ponta, como a das podoas,
Serviam probas, úteis, dignas, boas,
Nunca tintas de sangue e de matar.

E as enxós de martelo, que d'um lado
Cortavam mais do que as enxadas cavam,
Por outro lado, rápidas, pregavam,
D'uma pancada, o prego fasquiado!

O meu ânimo verga na abstração,
Com a espinha dorsal dobrada ao meio,
Mas se de materiais descubro um veio
Ganho a musculatura d'um Sansão!

E assim — e mais no povo a vida é corna —
Amo os ofícios como o de ferreiro,
Com seu fole arquejante, seu braseiro,
Seu malho retumbante na bigorna!

E sinto, se me ponho a recordar,
Tanto utensílio, tantas perspectivas,
As tradições antigas, primitivas,
E a formidável alma popular!

Oh! Que brava alegria eu tenho quando
Sou tal-qual como os mais! E, sem talento,
Faço um trabalho técnico, violento,
Cantando, praguejando, batalhando!

Os fruteiros, tostados pelos sóis,
Tinham passado, muita vez, a raia,
E espertos, entre os mais da sua laia,
— Pobres campónios — eram uns heróis.

E por isso, com frases imprevistas
E colorido e estilo e valentia,
As *haciendas* que há na Andalucia
Pintavam como novos paisagistas.

De como, às calmas, nessas excursões,
Tinham águas salobras por refrescos;
E amarelos, enormes, gigantescos,
Lá batiam o queixo com sezões!

Tinham corrido já na adusta Espanha,
Todo um fértil plató sem arvoredos,
Onde armavam barracas nos vinhedos,
Como tendas alegres de campanha.

Que pragas castelhanas, que alegrão
Quando contavam cenas de pousadas!
Adoravam as cintas encarnadas
E as cores, como os pretos do sertão!

E tinham, sem que a lei a tal obrigue,
A educação vistosa das viagens!
Uns por terra partiam e estalagens,
Outros, aos montes, no convés d'um brigue!

Só um havia, triste e sem falar,
Que arrastava a maior misantropia,
E, roxo como um fígado, bebia
O vinho tinto que eu mandava dar!

Pobre da minha geração exangue
De ricos! Antes, como os abrutados,
Andar com uns sapatos ensebados,
E ter riqueza química no sangue!...

Mas hoje a rústica lavoura, quer
Seja o patrão, quer seja o jornaleiro,
Que inferno! Em vão o lavrador rasteiro
E a filharada lidam, e a mulher!

Desde o princípio ao fim é uma maçada
De mil demónios! Torna-se preciso
Ter-se muito vigor, muito juízo
Para trazer a vida equilibrada!

Hoje eu sei quanto custam a criar
As cepas, desde que eu as podó e empo.
Ah! O campo não é um passatempo
Com bucolismos, rouxinóis, luar.

A nós tudo nos rouba e nos dizima:
O rapazio, o imposto, as pardaladas,
As osgas peçonhentas, achatadas,
E as abelhas que engordam na vindima.

E o pulgão, a lagarta, os caracóis,
E há inda, além do mais com que se ateima,
As intempéries, o granizo, a queima,
E a concorrência com os espanhóis.

Na venda, os vinhateiros d'Almeria
Competem contra os nossos fazendeiros.
Dão frutas aos leilões dos estrangeiros,
Por uma cotação que nos desvia!

Pois tantos contras, rudes como são,
Forte e teimoso, o camponês destrói-os!
Venham de lá pesados os comboios
E os «buques» estivados no porão!

Não, não é justo que eu a culpa lance
Sobre estes nadas! Puras bagatelas!
Nós não vivemos só de coisas belas,
Nem tudo corre como num romance!

Para a Terra parir há de ter dor,
E é para obter as ásperas verdades
Que os agrónomos cursam nas cidades,
E, à sua custa, aprende o lavrador.

Ah! Não eram insetos nem as aves
Que nos dariam dias tão difíceis,
Se vós, sábios, na gente, descobrisseis
Como se curam as doenças graves.

Não valem nada a cava, a enxofra, e o mais!
Difícultoso trato das searas!
Lutas constantes sobre as jornas caras!
Compras de bois nas feiras anuais!

O que a alegria em nós destrói e mata,
Não é rede arrastante d'escalracho,
Nem é «suão» queimante como um facho,
Nem invasões bulbosas d'erva-pata.

Podia ter secado o poço em que eu
Me debruçava e te pregava sustos,
E mais as ervas, árvores e arbustos
Que — tanta vez! — a tua mão colheu.

«Moléstia negra» nem «charbon» não era,
Como um archote incendiando as parras!
Tão pouco as bastas e invisíveis garras,
Da enorme legião do filoxera!

Podiam mesmo com o que contêm,
Os muros ter caído às invernias!
Somos fortes! As nossas energias
Tudo vencem e domam muito bem!

Que os rios, sim, que como touros mugem,
Trasbordando atulhassem as regueiras!
Chorassem de resina as laranjeiras!
Enegrescessem outras com ferrugem!

As turvas cheias de novembro, em vez
Do nateiro subtil que fertiliza,
Fossem a inundaçãõ que tudo pisa,
No rebanho afogassem muita rês!

Ah! Nesse caso pouco se perdera,
Pois isso tudo era um pequeno dano,
À vista do cruel destino humano
Que os dedos te fazia como cera!

Era essa tísica em terceiro grau,
Que nos enchia a todos de cuidado,
Te curvava e te dava um ar alado
Como quem vai voar d'um mundo mau.

Era a desolação que inda nos mina
(Porque o fastio é bem pior que a fome)
Que a meu pai deu a curva que o consome,
E a minha mãe cabelos de platina!

Era a clorose, esse tremendo mal,
Que desertou e que tornou funesta
A nossa branca habitação em festa
Reverberando a luz meridional.

Não desejamos, — nós os sem defeitos, —
Que os tísicos pereçam! Má teoria,
Se pelos meus o apuro principia,
Se a Morte nos procura em nossos leitos!

A mim mesmo, que tenho a pretensão
De ter saúde, a mim que adoro a pompa
Das forças, pode ser que se me rompa
Uma artéria, e me mine uma lesão!

Nós outros, teus irmãos, teus companheiros,
Vamos abrindo um matagal de dores!
E somos rijos como os serradores!
E positivos como os engenheiros!

Porém, hostis, sobressaltados, sós,
Os homens arquitetam mil projetos
De vitória! E eu duvido que os meus netos
Morrão de velhos como os meus avós!

Porque, parece, ou fortes ou velhacos
Serão apenas os sobreviventes;
E há pessoas sinceras e clementes,
E troncos grossos com seus ramos fracos!

E que fazer se a geração decai!
Se a seiva genealógica se gasta!
Tudo empobrece! Extingue-se uma casta!
Morre o filho primeiro de que o pai!

Mas seja como for tudo se sente,
Da tua ausência! Ah! como o ar nos falta,
Ó flor cortada, suscetível, alta,
Que assim secaste prematuramente!

Eu que de vezes tenho o desprazer
De refletir no túmulo! E medito
No eterno Incognoscível infinito,
Que as ideias não podem abranger!

Como em paul em que nem cresça a junca
Sei d'almas estagnadas! Nós absortos,
Temos ainda o culto pelos Mortos,
Esses ausentes que não voltam nunca!

Nós ignoramos, sem religião,
Ao rasgarmos caminho, a fé perdida,
Se te vemos ao fim d'esta avenida
Ou essa horrível aniquilação!...

E ó minha mártir, minha virgem, minha
Infeliz e celeste criatura,
Tu lembras-nos de longe a paz futura,
No teu jazigo, como uma santinha!

E enquanto a mim, és tu que substituis
Todo o mistério, toda a santidade
Quando em busca do reino da verdade
Eu ergo o meu olhar aos céus azuis!

III

Tínhamos nós voltado à capital maldita,
Eu vinha de polir isto tranquilamente,
Quando nos sucedeu uma cruel desdita,
Pois um de nós caiu, de súbito, doente.

Uma tuberculose abria-lhe cavernas!
Dá-me rebate ainda o seu tossir profundo!
E eu sempre lembrarei, triste, as palavras ternas,
Com que se despediu de todos e do mundo!

Pobre rapaz robusto e cheio de futuro!
Não sei d'um infortúnio imenso como o seu!
Viu o seu fim chegar como um medonho muro,
E, sem querer, aflito e atónito, morreu!...

De tal maneira que hoje, eu desgostoso e azedo
Com tanta crueldade e tantas injustiças,
Se inda trabalho é como os presos no degredo,
Com planos de vingança e ideias insubmissas.

E agora, de tal modo a minha vida é dura,
Tenho momentos maus, tão tristes, tão perversos,
Que sinto só desdém pela literatura,
E até desprezo e esqueço os meus amados versos!

Lisboa

Provincianas

I

Olá! Bons dias! Em março
Que mocetona e que jovem
A terra! Que amor esparso
Corre os trigos, que se movem
Às vagas dum verde garço!

Como amanhece! Que meigas
As horas antes de almoço!
Fartam-se as vacas nas veigas
E um pasto orvalhado e moço
Produz as novas manteigas.

Toda a paisagem se doura;
Tívida ainda, que fresca!
Bela mulher, sim senhora,
Nesta manhã pitoresca,
Primaveral, criadora!

Bom sol! As sebes d'encosto
Dão madressilvas cheirosas
Que entontecem como um mosto.
Floridas, às espinhosas
Subiu-lhes o sangue ao rosto.

Cresce o relevo dos montes,
Como seios ofegantes;
Murmuram como umas fontes
Os rios que dias antes
Bramiam galgando pontes.

E os campos, milhas e milhas,
Com povos d'espáço a espáço,
Fazem-se às mil maravilhas;
Dir-se-ia o mar de sargaço
Glauco, ondulante, com ilhas!

Pois bem. O inverno deixou-nos.
É certo. E os grãos e as sementes
Que ficam doutros outonos
Acordam hoje frementes
Depois duns poucos de sonos.

Mas nem tudo são descantes;
Por esses longos caminhos,
Entre favais palpitantes,
Há solos bravos, maninhos,
Que expulsam seus habitantes!

É nesta quadra d'amores
Que emigram os jornaleiros,
Ganhões e trabalhadores!
Passam *clans* de forasteiros
Nas terras de lavradores.

Tal como existem mercados
 Ou feiras, semanalmente,
 Para comprarmos os gados,
 Assim há praças de gente
 Pelos domingos calados!

Enquanto a ovelha arredonda,
 Vão tribos de sete filhos,
 Por várzeas que fazem onda,
 Para as derregas dos milhos
 E molhadelas da monda.

De roda pulam borregos;
 Enchem então as cardosas
 As moças desses labregos,
 Com altas botas barrosas
 De se atirarem aos regos!

Ei-las que vêm às manadas,
 Com caras de sofrimento,
 Nas grandes marchas forçadas!
 Vêm ao trabalho, ao sustento,
 Com fources, sachos, enxadas!

Ai o palheiro das servas
 Se o feitor lhe tira as chaves!
 Elas chegam às catervas,
 Quando acasalam as aves
 E se fecundam as ervas!...

II

Ao meio-dia na cama,
Branca fidalga o que julga
Das pequenas da su'ama?!
Vivem minadas da pulga,
Negras do tempo e da lama.

Não é caso que a comova
Ver suas irmãs de leite,
Quer faça frio, quer chova,
Sem uma mamã que as deite
Na tepidez duma alcova?!

.....
.....
.....
.....
.....

Anexo

*Per amica silentia...*¹

Chantez, chantez, jeune inspirée.

Victor Hugo

Hei de dizer-te um dia, minha pálida,
como é suave e belo ouvir-te o canto,
místico som de harpa dolorida,
harmonia sem fim de um coro santo!

E em que rosados sonhos tenho a alma,
que se alenta em teu cântico divino,
como a flor entreabrindo as brandas pétalas,
quando a aurora em seu carro adamantino

nas sombras do ocidente a luz derrama,
cambiante véu de um quadro que flutua,
aonde pouco a pouco se confunde
a transparência alvíssima da lua! —

1 Este poema, anónimo e não-datado, é atribuído por Teresa Sobral Cunha a Cesário Verde. A ser verdadeira esta atribuição autoral, seria um dos primeiros poemas de Cesário, visto ter sido publicado, em agosto de 1873, na revista de Lisboa *Artes e Letras*.

Mas não sabes as horas de delírio
em que somente vivo de te ver;
e como choro e sofro noite e dia,
quando sozinho penso em ti, mulher! —

Que importa? hei de seguir-te, branca aurora,
neste mundo de dores em que existo,
preso da imensidade de teus olhos,
como as turbas da meiga voz do Cristo! —

.....
.....

Mas quando te apertei a mão nervosa,
e teu rosto senti junto do meu,
não sei o que a luz tinha em si de estranha,
quando do teu olhar a mim desceu! —

Era um véu de tristeza encantadora,
névoa de noite de luar de agosto,
sombra misteriosa emoldurando
a curva graciosa de teu rosto! —

E desde então, ó minha doce pomba,
que as venturas do céu me vens contar,
eu vi que se tornaram tristes, lânguidos,
os cílios que assombream teu olhar! —

E quando em longas noites de vigília,
a sós com tua sombra eu endoideço,
ou quando, ideal sagrado de meus sonhos,
que desças para mim eu tanto peço! —

Bem sinto que acolheste alguma lágrima
 de tantas que chorei em vão por ti,
 e a misturaste às ondas de teu seio...
 livro aberto de amor que eu nunca li!...

Astro de branca luz, mística flor,
 será isto que eu sinto um sonho apenas?
 ou tu, que és casta e pura, a algum martírio
 mais doloroso ainda me condenas?

Que importa? hei de seguir-te, branca aurora,
 n'este mundo de dores em que existo,
 preso da imensidade de teus olhos,
 como as turbas da meiga voz do Cristo!

Índice

- 7 Nota prévia
- 11 Introdução
- 31 Nota biobibliográfica

Cânticos do Realismo – O Livro de Cesário Verde

- 41 A força
- 42 Num tripúdio de corte rigoroso
- 43 Ó áridas Messalinas
- 44 Eu e ela
- 46 Lúbrica...
- 48 Ele
- 50 Impossível!
- 53 Lágrimas
- 54 Proh pudor!
- 55 Manias
- 56 Heroísmos
- 57 Cantos da tristeza
- 61 Vaidosa
- 63 Cinismos
- 64 Caprichos
- 69 Esplêndida
- 71 Arrojos
- 73 Flores venenosas
- 76 Ironias do desgosto
- 78 Melodias vulgares
- 82 Cadências tristes
- 84 Humilhações

86	Deslumbramentos
88	A débil
91	Humorismos de amor
94	Desastre
97	Nevroses
100	Num bairro moderno
104	Manhãs brumosas
106	Sardenta
107	Merina
108	Em petiz
113	Cristalizações
117	Num álbum
118	Noitada
122	O sentimento dum ocidental
130	De tarde
131	De verão
136	Nós
155	Provincianas
161	<i>Per amica silentia...</i>

Carlos Reis

COORDENAÇÃO DA COLEÇÃO

A **Biblioteca Fundamental da Literatura Portuguesa** propõe-se disponibilizar a um público vasto e diversificado um conjunto alargado de títulos que, pela sua importância, podem ser considerados o cânone da literatura portuguesa.

JÁ PUBLICADOS:

- Camilo Pessanha, *Clepsidra*
- Eça de Queirós, *A Ilustre Casa de Ramires*

A PUBLICAR:

- Marquesa de Alorna, *Obras Poéticas*
- Almeida Garrett, *Camões*
- Eça de Queirós, *O Crime do Padre Amaro*
- Bernardim Ribeiro, *Menina e Moça*
- Almada Negreiros, *Nome de Guerra*
- Júlio Dinis, *As Pupilas do Senhor Reitor*
- Camilo Castelo Branco, *Vinte Horas de Liteira*

Design
Henrique Cayatte
com **Susana Cruz**

Fontes tipográficas

Títulos
Acta | Dino dos Santos | 2010 © DStype
Neutraface | Richard Neutra / Christian Schwartz | 2007 © House Industries
Texto
Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts

Papel
Coral Book Ivory 90 g

Impressão e acabamento
Imprensa Nacional-Casa da Moeda



Cesário Verde

1855-1886

Cesário Verde nasceu e morreu em Lisboa, com 31 anos. O facto de ter tido uma vida breve e em boa parte afastada dos círculos literários da capital explica a dimensão relativamente escassa da sua produção poética, bem como a indiferença ou mesmo a hostilidade que, em vida, teve de enfrentar. Os poemas que, ainda assim, foi publicando apareceram em jornais e em revistas, mas não em livro. Foi depois da morte de Cesário Verde que, logo em 1887, Silva Pinto, amigo do poeta e crítico literário, se empenhou em reunir em volume os poemas publicados de forma dispersa, bem como outros que estavam inéditos. Daí resultou uma coletânea durante muito tempo singelamente conhecida como *O Livro de Cesário Verde*. Subsequentes edições, nos séculos XX e XXI, foram completando e reordenando criticamente os textos deste precursor de alguma da literatura modernista, cultor de uma poesia às vezes de timbre impressionista, muito visual e cromática; nela, a cidade e o campo, a imagem da mulher e a observação de um quotidiano atravessado por contrastes constituem presenças marcantes, num registo que em vários momentos se aproxima da narrativa.

Helena Carvalhão Buescu

Helena Carvalhão Buescu é professora catedrática de Literatura Comparada da Faculdade de Letras de Lisboa. Foi fundadora do Centro de Estudos Comparatistas e é autora de mais de uma centena de ensaios, alguns dos quais sobre a poesia de Cesário Verde.

Cesário Verde
CÂNTICOS DO REALISMO
O LIVRO DE CESÁRIO VERDE

Em *Cânticos do Realismo. O Livro de Cesário Verde*, encontra-se recolhida uma produção poética breve, mas absolutamente decisiva para a fundação da nossa modernidade literária. Poeta mal compreendido no seu tempo, Cesário Verde estava, seguramente, à frente dele e em rutura com protocolos literários nele vigentes; tendo escrito e publicado em grande parte à margem dos mecanismos de consagração literária, Cesário Verde enunciou um discurso poético em que tacitamente é problematizada a capacidade da literatura e, em particular, da poesia para representar o real. Também por isso, a leitura ou a releitura dos extensos poemas de Cesário convida a recolocá-los em relação ao realismo e aos seus processos dominantes.

C CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LINGUA
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

LeR⁺
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

ISBN 978-972-27-2360-2



9 789722 723602